ACERCA DO LATIM E DOS SEUS LIVROS (BRASIL ATÉ 2006) I[1]

Eduardo Tuffani
(jun. 2026 [2022])
<www.e-tuffani.com.br>

ABREVIAÇÕES

CCN – Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas
Comut – Serviço de Comutação Bibliográfica
FFCL – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SBEC – Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos
SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFPA – Universidade Federal do Pará
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UnB – Universidade de Brasília
Unesp – Universidade Estadual Paulista
USP – Universidade de São Paulo

Em homenagem
aos latinistas
José van den Besselaar,
Alfredo Marques de Oliveira Filho e
Celestino Correia Pina.

Este texto ficou muito tempo por escrever, tanto tempo que cheguei mesmo a pensar se ainda valia a pena escrevê-lo, pois foi concebido numa época não tão afastada assim, mas muito distante dos recursos disponíveis já há uns tantos anos passados. Entre outros motivos para se escreverem algumas laudas sobre o latim, está o fechamento do *Suplemento* para a produção nacional em língua e literatura latina do período que vai de 1997 a 2006, servindo estas páginas de apresentação ao trabalho que se encerra. Aqui

[1] As quatro subunidades aqui presentes neste trabalho integram outro por sua vez maior, formado por mais duas outras partes, a primeira delas já lançada anteriormente: TUFFANI, Eduardo. Para a história dos cursos de Letras no Brasil com atenção aos de Letras Clássicas no seu estabelecimento. *Em Tese*, Belo Horizonte, UFMG, v. 27, n. 2, p. 13-37, maio/ago. 2021. Disponível em: <www.e-tuffani.com.br> e <http://dx.doi.org/10.17851/1982-0739.27.2.13-37>.

escrevo “latim” com inicial minúscula, porque hoje me parece um excesso grafá-lo sempre com maiúscula como se faz algumas vezes na esteira, sobretudo, de um culto exagerado e distorcido.

Naquele meu tempo de estudante, não tínhamos acesso direto às estantes de livros das bibliotecas da USP e da Central da PUC-SP, mas sim da Biblioteca George Alexander da então Universidade Mackenzie. Na Mário de Andrade, pediam-se livros, havendo a possibilidade de esperá-los por até uns quarenta minutos. Sinto ainda o odor que emanava das fichas presas nas gavetas metálicas, coisa não de todo desagradável, sendo esses fichários o único meio de se conhecerem aqueles acervos bibliográficos: lembro-me até hoje de títulos que faziam parte das classes de latim, grego, etc. Após a formatura, o ingresso nas bibliotecas era franqueado aos pós-graduandos, mas o problema aí residia na pesquisa de material. Consultava-se *L’Année Philologique* ano por ano pelas suas décadas de publicação, selecionando títulos de interesse para o trabalho a ser desenvolvido. De posse dessas referências, era a vez de se buscar no CCN a biblioteca brasileira onde o artigo podia ser encontrado, fazendo-se uso de microfichas e de aparelhos e lentes para a sua leitura. O CCN era válido para artigos de revistas e anais de eventos, digo “era” porque hoje, em geral, a consulta se faz de outra forma. No caso dos estudos clássicos, muitos títulos tinham que ser solicitados no exterior por meio do Comut, que também contemplava partes de obras coletivas. No antigo edifício da Reitoria da USP, o SIBi tinha (ou ainda tem) um catálogo físico imenso, que abrangia várias bibliotecas paulistas: foi lá que encontrei a referência de uma tradução das *Bucólicas* de Virgílio na época já indisponível (“Traduzidas litteralmente e annotadas por Ismael Dias da Silva”, mas “Eglogas” e “Publius Vergilius Maro”, São Paulo: Typ. do Commercio, 1883, 78 p.).

Atualmente, embora nem tudo esteja catalogado na Internet ou à disposição em meio eletrônico, a verdade é que nunca houve nada igual em termos de acesso ao conhecimento e aos trabalhos, no que nos interessa, relativos a língua, literatura, Filosofia, artes, Ciências Humanas, etc. Mesmo assim, toda essa tecnologia não substitui o trabalho de garimpo como o que redundou no *Suplemento* para o latim, que ainda há quem o considere uma atividade menor e desimportante, não sabendo a riqueza que é o conhecimento profundo de uma biblioteca como a Central da UnB, o compulsar uma revista especializada ou de cultura do primeiro ao último número, como *Romanitas* e *Revista Eclesiástica Brasileira*, a descoberta de títulos antigos em nada inferiores a outros mais recentes, concebendo-se um roteiro de estudos de que a vida não dará conta... No campo dos estudos latinos, só em 1993, com a sua décima edição, o *Novíssimo dicionário latino-português* de Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva voltou às livrarias, e às bibliotecas, depois de 76 anos de esquecimento, já que a nona edição é de 1927 [1881] (Rio de Janeiro: Garnier). Mesmo sujeito a críticas, envelhecido como de esperar, porque composto entre 1870 e 1875, nenhum trabalho lexicográfico no mundo luso-brasileiro teve a sua profundidade, sendo ainda hoje indispensável ao trabalho de tradução. No caso desse dicionário, não se trata de descoberta, a não ser que seja a descoberta do seu valor, porém é um exemplo a mais de como foi difícil aos estudiosos do latim manter a sua atividade durante boa parte do século já passado.

Ao longo do tempo, nota-se um saudosismo que beira algo de cíclico, até “mítico”, de uma geração referindo-se às que a precederam: uns procuram ver uma melhora constante; outros, uma decadência paulatina. De fato, há perdas e ganhos no

caminho trilhado pelos professores e os seus alunos, depois também professores. O importante é saber o peso do que se foi, do que ficou e do que se obteve. Grandes conquistas foram feitas durante décadas pelas últimas gerações, no entanto é inegável que gerações foram perdendo algo que não foi sendo repassado às que lhes sucederam. Havia docentes muito cultos, muito estudiosos, que, ao lecionarem literatura, se limitavam a ensinar uma história da literatura, pois era assim que se fazia muitas vezes. Com o que se apontou, fica um exemplo entre outros, porém como não admitir que hoje se estuda menos língua latina do que nos anos 50 e mesmo nos anos 70 ou 80? Os anos 60 se caracterizaram por um crescente desapego à filologia e uma valorização tardia, no caso do Brasil, da linguística, mas equivocada e intransigente conforme alguns dos seus aspectos. Se e como a linguística é fundamental, por que não estudar uma língua clássica ou uma língua indígena? Será uma coisa inútil fazê-lo, como o fizeram tantos linguistas desde Wilhelm von Humboldt? O fato é que, atualmente, existe uma certa dificuldade em se atuar na graduação com tantas atividades para as quais os professores e também os alunos são solicitados, pois a carreira começa a exigir pontuação já no tempo de estudante em meio a um excesso de eventos, encontros científicos, resumos, publicações e uma série de exigências acadêmicas. Com toda essa formação, pois não se pode negá-la ou ignorá-la, repisando o "mito" cíclico do eterno declive, o que se verifica, para o latim, é a necessidade de uma dedicação maior ao texto latino em si e ao seu estudo filológico-linguístico. Se falei obviamente de linguistas por ter falado de linguística, fica mais fácil para mim fazê-lo, já que sou de outra área, sendo bom que alguém o faça. Conheci docentes de linguística que condenavam o preconceito linguístico, mas que faziam uso dele, inclusive sociolinguistas. Como sou professor de latim, fica mais difícil para mim apontar o que se deve no meu campo de atuação, pois se notam melhor as falhas alheias e de outros círculos. Na instrução pública em São Paulo, a minha geração teve quatro anos de francês no que seria hoje a escola fundamental e média, mas o ensino não se distinguia pela eficiência, pois só no quarto ano aprendemos com mais proveito graças à retomada de método mais produtivo. Mesmo assim, o francês era uma das línguas estrangeiras para fim de vestibular. A graduação em Francês, no fim dos anos 70, ainda era oferecida em universidades particulares. Dei este exemplo do francês para se ver como, ao longo do tempo, houve uma mudança na formação intelectual da sociedade brasileira. Uma geração antes da minha conhecera um ensino do francês mais privilegiado e um ensino do latim que, embora bem presente, apresentava uma série de questões por solucionar. A escola viu sair de cena o latim e o francês, e agora é o inglês que ocupa a posição de algo a repensar.

Li boa parte dos artigos escritos por docentes de latim no Brasil a respeito, sobretudo, da conveniência dos estudos latinos. Embora o meu "Os estudos latinos no Brasil" (2000/2001) seja mais um panorama histórico, pensei que não deveria mais escrever sobre as rosas e as pedras dos caminhos dos aprendizes das Letras Clássicas, já que somos eternos estudantes. Muitos títulos foram publicados por latinistas brasileiros no que toca à metodologia principalmente, não se devendo esquecer outros sobre tradução, experiências dos professores as mais variadas, havendo muito material nesse e em outros sentidos. É interessante ler esses trabalhos, pois é como se fizesse uma troca de ideias com outros colegas, muitos dos quais já não presentes, mais velhos e mais novos, em diferentes momentos das suas vidas e das suas carreiras. Espero que estas páginas também sejam de validade para os que as lerem, pretendendo eu com elas, ao tecer alguns

comentários sobre títulos listados até 1996 (*Repertório*) e de 1997 a 2006 (*Suplemento*), expor as minhas impressões a respeito de ser latinista num país como o nosso.

Ao se falar em rosas e pedras, vem também à mente o nosso maior memorialista, Pedro Nava, o médico escritor, poeta bissexto e senhor de uma prosa ímpar. Pedro Nava não usou de meias palavras quando tratou do percurso da cátedra de grego do Liceu do Ceará. Desde a vigência da antiga LDB, o latim foi perdendo espaço, quadro e prioridade. Gostando ou não, acabamos nos constituindo numa espécie de linhagem de Cam nos cursos de Letras, o que se nota com mais nitidez longe dos grandes centros. Daí resulta uma situação bem peculiar dos setores de latim pelo Brasil afora. Se não se estuda mais latim como antes, em contrapartida, o professor de latim é visto como alguém que se dedica a uma formação de base hoje perdida. Não se valoriza o latim, mas, no fundo, sabe-se da sua importância. É claro que isso vem se modificando já há um bom tempo. Uma grande instituição nacional, durante muito tempo, se mostrou avessa aos estudos clássicos, chegando a ter um único docente de latim e meia prateleira de livros de latim na biblioteca de Letras. Atualmente, o que se vê é um setor ativo e estantes carregadas, porque lá houve uma mudança na orientação linguística. Lamento ter que registrar coisas como essas, mas é algo que deve ser feito para que seja notado. Entre os nossos vícios, às vezes sem razão, é comum ouvir que alguém "não sabe latim" ou "não traduz" simplesmente. No meu entender, o mais adequado é dizer que alguém "não estuda", sendo o latim uma língua de estudo, pois conheci pessoas que tiveram uma formação nada desprezível, acabando por se acomodar diante dos acidentes da vida ou devido ao seu próprio desinteresse. Por menos que se saiba, penso que é o melhor a ser dito, porque é mais neutro, menos ofensivo, mais profissional. Mas por que dizer tudo isso agora? Muitos chefes, diretores e outros, colegas, que "não estudam latim", se veem no direito de conduzir de algum modo as cadeiras de latim, daí temos o professor de latim, por exemplo, levado a ministar filologia e linguística românica, gramática histórica da língua portuguesa, etc., isto muitas vezes sem ter formação para tanto. O professor de latim é instado a assumir disciplinas para as quais outros, na realidade, não se sentem habilitados. Muito poderia ser dito ainda, como criação de disciplinas, publicações, organização de concursos, implementação de graduações... Por outro lado, quando existia o currículo mínimo dos cursos de Letras, entre as agruras do latim, havia quem pensasse que essas disciplinas obrigatórias de latim qualquer um poderia lecionar, mas o mais triste era se isso partisse dos próprios docentes de latim.

* T. LVCRETIVS CARVS *

Produziu-se, no Brasil, um número enorme de compêndios dedicados ao ensino do latim, o que contrasta com o que se fez aqui para o estudo do grego, cujos manuais, no mais das vezes, são de conhecimento geral dos que se voltam para o seu aprendizado. Quando se adota um manual para ser usado em sala de aula, correspondendo o livro em questão ao meio para se atingir o objetivo desejado, é preciso exercitar plenamente o método proposto, assim como o próprio livro como manual. O tema do compêndio de latim é bem comum, e, além dos muitos livros no gênero, existem inumeráveis publicações não formais e apostilas feitas por professores. Não há como negar o fato, mas há mesmo atrito entre docentes devido à adoção ou não desses trabalhos introdutórios. Pensando-se bem, no fundo, não cabe razão para tanto, e a adoção do manual não é algo

tão simples assim, pois ele deve ser preparado, questionado e até corrigido, como às vezes é o caso. Em vez de se discutir a troca desses livros, o que se deve fazer é buscar um estudo mais profundo de língua nos primeiros níveis e nos demais ao longo das disciplinas de língua latina. É evidente que é desejável que uma equipe utilize um mesmo manual, e também o é que os professores de latim dos muitos cursos de Letras procurem uma confluência no que diz respeito a programas, bibliografias e manuais a serem adotados. O livro para iniciação é uma obra elementar, justamente por isso, no entanto, deve oferecer ao estudante, e também ao docente, uma segurança na sua utilização. Ambos precisam dispor de um compêndio bem trabalhado no seu conteúdo gramatical e lexical. São mesmo os neutros da quarta indeclináveis no singular? Se alguém achar que estou dando esse exemplo aludindo a um manual em especial, digo eu que não é o único a dar essa lição por rever. A quantidade é algo que também deve estar presente a cada passo do estudo do latim. Vícios de acentuação, escusada esta terminologia, muitas vezes, adquirem-se e demoram a ser corrigidos. É curioso que existam livros do professor para o inglês, o francês, etc., mas não os há para o latim com a mesma frequência, sendo o latim, mais uma vez o digo, uma língua de estudo, que os que a ele se dedicam, em geral, no caso brasileiro, não o falam nem escrevem como se dá com uma língua estrangeira moderna. Porém não se pode abrir mão da versão do português para o latim, pois ela faz parte da própria concepção do manual, e o latim a escrever, por mais elementar que seja, deve ser também gramatical. Por tudo isso, não se ignorando bons trabalhos aqui elaborados, a adoção de compêndios estrangeiros deve ser bem acolhida, pois eles são mais promissores, já que feitos num ambiente mais propício ao latim do que o Brasil das últimas gerações. O que importa é cuidar da sua adaptação para que ela não comprometa de alguma forma o conteúdo a ser desenvolvido. É bom que se registre que há obras mesmo antigas que podem ser usadas com muito proveito.

Ao lado do manual, pode-se mencionar, em importância, o trabalho de versão do português para o latim. Condenada por uns, não sem alguma razão, essa atividade deve ser tratada de forma muito objetiva e equilibrada para que se evitem distorções que levem ao seu desabono, merecendo atenção o redigir epígrafes e dedicatórias em latim gramatical. Houve latinistas que tiveram renome, mas, antes de ter chegado a isso, sendo já professores, escreveram mais em latim do que tinham estudado, deixando por escrito como claudicaram. Mesmo em se tratando de línguas mortas, e não há problema nenhum em se chamar o latim de língua morta, o domínio ativo de um idioma é importante, pois é comum o aluno já ter estudado alguns períodos e não possuir um bom vocabulário, desconhecendo, por exemplo, termos referentes a cores, família, corpo humano, mesmo o que for ligado ao vinho, etc., não se devendo esquecer o seu emprego. Como o latim foi, durante muito tempo, tratado como língua viva, ele se presta a isso com mais facilidade, situação bem diferente de outras línguas que, muitas vezes, nem estão bem documentadas. Em língua portuguesa, o melhor trabalho lexicográfico para tanto é o *Dicionário português-latino* de Francisco Torrinha (2. ed., Porto: Domingos Barreira, [s.d.] [1939?]), que, verdade seja dita, não é superior nem equivalente ao *Dictionnaire français-latin* de Louis Quicherat, revisto e ampliado por Émile Chatelain (Paris: Hachette, 1984 [1891]). Para o trabalho de versão, no entanto, não basta ao estudante só a consulta a livros sobre língua: como verter “bolso” para o latim? Também de Portugal, é bom notar isso, há o *Diccionario das instituições, usos e costumes dos romanos* de António José Fernandes de Carvalho (Braga: Imprensa Henriquina, 1904), nesse livro

encontra o estudioso mais elementos, indispensáveis, para a possibilidade de se verter o termo em questão. A versão tem que ser encarada como uma atividade escolar unicamente para o estudo de língua, pois quem se dedica a um idioma deve procurar estudá-lo de forma plena, não se limitando a alguns escritores e gêneros literários. Se pensarmos no que foi escrito em latim até o fim do século XVII, quando cedeu ao francês o *status* de língua da diplomacia, veremos que é impossível ler tudo o que foi composto na língua do Lácio. Sendo assim, que se faça a versão dentro de certos limites, mas que se abandone, caso alguém tenha, impulso de verter uma obra atual ou de escrever em latim, por exemplo, homenagem a um artista ou a um político. Em alguns centros europeus, existe uma tradição secular, ou mais que tal, do cultivo do latim como língua viva e isso precisa ser respeitado, ficando difícil questionar uma atividade assim enraizada. Li o *Hymnus Brasiliensis* por Joaquim Luís Mendes de Aguiar e, em seguida, a *Epistula consulum ad Teuranos de Bacchanalibus*, não sendo necessário explicitar o que de fato foi proveitoso, até a leitura de passagem de Jean de Léry em latim teria sido mais pertinente porque vertida em época em que o latim era uma língua de intercâmbio. Faço a crítica com todo o respeito pois entendo que na época de Mendes de Aguiar ainda se fazia isso, embora mesmo então, no Brasil, de modo já em declínio.

Um tema que, nos últimos tempos, nem levanta mais polêmica e se considera pacificado, chegando-se mesmo agora ao esquecimento de tudo o que já provocou entre os latinistas, é a pronúncia, ou melhor, são as pronúncias usadas no trato com o latim nos diferentes meios em que ele é empregado. Se é para fazer uso da pronúncia restaurada ou reconstituída, que assim se faça, mas defendê-la, descuidando-se dos princípios básicos da acentuação latina, é problemático. A pronúncia restaurada tem uma adoção muito forte em grandes centros de estudos internacionais, o que justifica a sua defesa, porém há quem a utilize desconhecendo lições importantes de, entre outros títulos, *Vox Latina* de William Sidney Allen (2. ed., Cambridge: Cambridge University, 1978 [1967]) e *Fonetica latina* de Mariano Bassols de Climent, este com a colaboração de Sebastián Mariner Bigorra para fonemática latina (Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1967). Por mais que se recomende a pronúncia restaurada, é bom lembrar que muito do que foi escrito em latim até o século XIX, e mesmo o XX, o foi sob a vigência de pronúncia tradicional, sobretudo a romana pela sua relação com a Igreja e as suas escolas de formação. Saber como se pronunciava o latim na época de Catulo e Horácio é de grande interesse, mas ler o *Stabat mater* de Jacopone da Todi por meio da restaurada fica fora de propósito. Da mesma forma que, no meio jurídico, se emprega hoje a pronúncia tradicional do latim mais influenciada pelo português, é possível utilizar a restaurada, nos cursos de Letras, mais aproximada do português, já que alguns dos seus pontos causam dificuldades ou deixam de ser observados até pelos docentes, como as consoantes dobradas e as aspiradas, a semivogal *e* [ɪ] dos ditongos *ae* [aɪ] e *oe* [ɔɪ], mais para o inglês do que para o português (ingl. “hi, toy”, port. “cai, dói”), etc. O “saber ou não latim”, de que já se tratou, esteve muito ligado à questão da pronúncia, por isso tem vez aqui junto dela, pois alguns avaliavam o conhecimento do latim em razão da pronúncia empregada. No Paraguai também, durante muito tempo, houve algo semelhante com o guarani, existindo lá uma polêmica com relação à ortografia, recusando-se muitos a ler e não admitindo entender o que estava escrito em nova ortografia, hoje aceita pela maioria desse país bilíngue. Retomando-se o latim, houve e há quem julgue fácil aprendê-lo, desconsiderando o estudo profundo da sintaxe latina. Podem-se lembrar autores latinos

antigos e estudiosos contemporâneos que aludiram aos problemas que envolvem a compreensão do texto latino, como, entre outros, José van den Besselaar, Raymond Chevallier e Licêncio, que, no *Carmen ad Augustinum*, via com tristeza a distância de Agostinho pois tinha dificuldade em entender um texto de Varrão.

No que diz respeito a gramáticas, o mundo luso-brasileiro está bem representado, pois basta citar o nome de Manuel Álvares para se tratar da gramática latina mais editada nos últimos séculos (*De institutione grammatica libri tres*, Olyssipone: Joannes Barrerius, 1572). É claro que, atualmente, em grande parte desse material, há mais uma importância histórica a considerar, mas existem tiragens de *editio octava* que resulta de um desenvolvimento da obra original (*Institutionum grammaticarum libri quinque*, Barcinone: apud Eugenium Subirana, 1927). O que li sobre prosa métrica nesse trabalho, num excelente capítulo, eu não tinha encontrado em nenhuma outra gramática. É pena que essa edição seja tão difícil de se achar em nossas bibliotecas. No século XIX, em Portugal, Augusto Epifânio da Silva Dias traduziu a obra de Johan Nicolai Madvig (*Grammatica latina*, Porto: Manoel José Pereira, 1872), durante muito tempo, tida por ser a melhor gramática latina em língua portuguesa. Do seu epítome, também elaborado por Epifânio Dias, Nicolau Firmino fez uma edição atualizada (*Gramática latina*, Lisboa: Académica de D. Felipa, 1942). Esta se trata de uma gramática elementar, e, como tal, são muitas as que foram lançadas nos últimos dois séculos. Ao molde de tratados, no caso do Brasil, há dois trabalhos mais antigos que merecem destaque, o primeiro é a *Gramática latina* de João Ravizza (14. ed., 1958), nas primeiras edições como tradução e adaptação da obra elementar de José Puppo, e o segundo, a *Grammatica latina* de Augusto Magne (2. ed., 1930), ambos são o que de mais elaborado se fez no país nesse sentido antes dos cursos superiores de Letras Clássicas. A primeira edição da gramática de Magne (Rio de Janeiro: Drummond, 1919) é pouca coisa posterior à de Ravizza (*Grammatica elementar da lingua latina*, Nictheroy: Escola Typ. Salesiana, 1915), tendo só duas edições e sendo a segunda versão bem mais aperfeiçoada do que a primeira. A mesma reelaboração se observa ao longo das edições da gramática de Ravizza, porque, na verdade, a gramática de uma língua deve ser uma obra amadurecida, questionada, impessoal, escrita, de preferência, por mais de um autor, pois não tem sentido as gramáticas desaparecerem como os seus autores, o que muitas vezes acontece, devendo esse legado ser mantido e atualizado.

A concepção da gramática como obra de coautoria poderia ter beneficiado a elaboração de algum trabalho, garantindo-lhe a sua sobrevida ou dando origem a um outro, fruto de uma reflexão coletiva. Gramáticas elementares desenvolvidas chegaram a ter diversas edições, o que não aconteceu com os trabalhos de Ernesto Faria (*Gramática da língua latina*, 2. ed., 1995 [*Gramática superior da língua latina*, 1958]) e de Vandick Londres da Nóbrega (*Nôvo método de gramática latina: elementar e superior*, 1962c; "Parte gramatical", em *A presença do latim* do mesmo autor, 1962d, v. 2). O maior êxito editorial coube à *Gramática latina*, pedagógica, de Napoleão Mendes de Almeida (24. ed., 1992, no levantamento; 30. ed., 2011, ao se escrever este texto [*Noções fundamentais da língua latina*, São Paulo: Saraiva, 1942]). A gramática "do Napoleão" era criticada em parte do meio acadêmico, e, a bem se dizer a verdade, esse autor assumiu uma orientação muito conservadora que o expôs perante o público leitor, devendo-se também notar pontos a rever na exposição da sua obra gramatical tanto no latim quanto no português. Por outro lado, igualmente se admitindo o que é certo, essa gramática foi, por décadas, o

livro com o qual muitos estudiosos do latim, no Brasil, adquiriram um bom conhecimento de língua latina, uma formação que, muitas vezes, não estava ao alcance dos interessados mesmo nos cursos de Letras. Que não se pense que sou entusiasta do livro em questão, mas não se pode deixar de registrar o serviço prestado por esse trabalho, mesmo se reconhecendo os seus passos menos felizes.

As gramáticas de Faria e de Nóbrega são as mais profundas das lançadas sob a vigência dos cursos de Letras e, por isso mesmo, se declaram "superior[es]". De fato, procura-se, nelas, um respaldo técnico e científico mais trabalhado, afastando-se de uma confecção de gramática tradicional no mau sentido que isso pode oferecer. Mesmo com esse arcabouço teórico, essas duas gramáticas, em algumas passagens, deixam-se completar por obras mais modestas e menos pretensiosas, evidenciando as suas limitações. Entre outros trabalhos de ou sobre o gênero, há alguns que rejeitam de tal modo o que é de tradição que acabam caindo num cientificismo estéril e limitante, a respeito do qual dizia o meu antigo colega lusitano: "Tanta ciência, mas não sabem qual é o genitivo plural de *nox*, *noctis*!" A gramática é algo que faz os próprios gramáticos se perder: como se diz em latim "duas vezes dois"? *Bis bina sunt*? *bis bini sunt*? *bis bina sunt* e *bis bini sunt*? empregando-se mais um do que o outro? Acompanhando-se um nome, a resposta é evidente, e quando não? A obra de Faria é o que há de melhor em português sobre gramática histórica, e, como esse autor planejava um tratado em três volumes sobre a língua latina, tendo já lançado o primeiro (*Fonética histórica do latim*, 2. ed., 1970 [1955]), tivesse ele feito o segundo, para morfologia histórica, haveria o clássico em dois volumes para fonética e morfologia. Isso seria importante, pois o que existe nesse sentido em português de Raul Machado, "Morfologia geral e elementos de morfologia histórica" em *Questões de gramática latina* desse autor (Lisboa: Livraria Clássica, 1941, t. 2), está envelhecido, já que escrito em vista de trabalhos mais antigos de linguística, sobretudo comparado a similares como, por exemplo, *Éléments de phonétique et de morphologie du latin* de Pierre Monteil (Paris: Nathan, 1986 [1970]). Talvez Faria devesse ter priorizado o segundo volume do seu tratado, pois era algo mais premente nos estudos latinos no Brasil e também em Portugal, sendo a situação do estudo de sintaxe latina mais favorecida por meio de gramáticas e de obras específicas.

Entre os títulos dedicados à sintaxe, no Brasil do século XX, os mais desenvolvidos são a *Sintaxe da língua latina* de Mílton Valente ([1936?], 2 v.), a "Sintaxe latina superior" em *Propylaeum Latinum* de José van den Besselaar (1960b, v. 1) e a *Sintaxe latina* de Giuseppe Lipparini, em tradução e adaptação do Padre Alípio, José Rodrigues Santiago de Oliveira (1961), não se esquecendo das gramáticas mais alentadas citadas anteriomente. Pode-se dizer que algum desses trabalhos resvale para o latim vivo, sobretudo na esteira do eclesiástico, o que acaba por descurar do latim clássico no caso de se optar por uma orientação tradicional sem amparo na gramática padrão da língua clássica. Muito útil para o esclarecimento dessas questões é a sintaxe de Besselaar, o melhor trabalho no gênero em português, infelizmente com uma única edição com alguns problemas de evidente ordem editorial. Para o estudo da sintaxe latina numa perspectiva histórica mais abrangente, a volumosa obra de Mariano Bassols de Climent, equiparando-se a congêneres de língua alemã, é a mais recomendável no mundo lusófono (*Sintaxis latina*, 2. reimpr., Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1967 [1956], 2 v.; edição mais recente em volume único, 10., 1992, xx, 557 p.).

Falar sobre dicionários de latim em português é tratar do "Saraiva", o que já se fez no início destas considerações. No Brasil e em Portugal, o segundo dicionário em volume e em conteúdo é o *Dicionário de latim-português* de António Gomes Ferreira (Porto: Porto, 1991 [1966?]). Malgrado a sua abrangência, essa obra deve ser utilizada com cautela, porque, na maioria das suas versões, o texto é o mesmo com algumas incorreções, podendo o estudante se desorientar em certos verbetes. Muito consultados, mas de uso dos primeiros níveis, são os trabalhos de Francisco Torrinha (*Dicionário latino português*, 8. ed., Porto: Gráficos Reunidos, [s.d.] [1937?]) e do organizado por Ernesto Faria (*Dicionário escolar latino-português*, 7. ed., Brasília: Fundação de Assistência ao Estudante, 1994 [1955]). O *Dicionário português-latino* de Torrinha é, sem dúvida alguma, um trabalho mais bem acabado do que o *Dicionário latino português* do mesmo autor e superior a similar da Editora Porto, pena que esgotado. O *Dicionário de latim-português* dessa editora, por Ferreira, passou a ser revisto muito tardiamente, o que lhe valeu certa reserva da parte de docentes. Conforme a sua língua estrangeira de estudo, o latinista tem à disposição obras que podem e devem ser utilizadas no sentido em causa. Em língua inglesa, de um bom tempo para cá, a referência é o *Oxford Latin dictionary*, editado por Peter Geoffrey William Glare (Oxford: Clarendon, 1982; segunda edição em dois volumes, 2012). Em francês, há gerações, o clássico é o *Dictionnaire [illustré] latin-français* de Félix Gaffiot (Paris: Hachette, 1985 [1934]), em edição revista e ampliada por Pierre Flobert como *Le grand Gaffiot : dictionnaire latin-français* (2000). No mundo hispânico, a grande obra é o *Diccionario latino-español* de Agustín Blánquez Fraile (Barcelona: Gredos, 2012 [Barcelona: Ramón Sopena, 1946]), com algumas edições em três volumes, dois para latim-espanhol e um para espanhol-latim, este terceiro sem reedição ultimamente. Consultando as obras de Gaffiot e de Saraiva, nota-se que, às vezes, uma completa a outra, o que demontra que não devemos nos limitar a só o que existe nesta ou naquela língua. Existem trabalhos mais antigos e mais profundos, de Wilhelm Freund por exemplo, por vezes desatualizados, dos quais contemporâneos são, em grande parte, devedores e mesmo continuadores de atividade de edição e de pesquisa, como *Der neue Georges* e *Thesaurus linguae Latinae*. Fechando-se estes comentários a trabalhos de língua latina, convém citar, entre muitos, embora seja difícil fazê-lo pelo olvido dos outros, os mais fartos e relevantes dos impressos e mais acessíveis, arrolando-se também os que tratam de ensino e metodologia: *Tratado dos prefixos e suffixos da lingua latina e sua synonymia* de Antônio José de Sousa (1876 [1868a; 1868b]), *Fontes do latim vulgar: o Appendix Probi* de Serafim da Silva Neto (3. ed. 1956 [Rio: Editora A.B.C., 1938]), *O latim e a cultura contemporanea* e *Introdução à didática do latim* de Ernesto Faria (1941; 1959 [Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1959]), *Pronúncia do latim* de Nelson Roméro (1942), *A morfologia e a sintaxe do genitivo latino*, *Gramática do latim vulgar* e *O problema do latim vulgar* de Theodoro Henrique Maurer Junior (1948; 1959; 1962), *Dicionário etimológico da língua latina* de Augusto Magne (1952-1961, v. 1-4), *Vocalismo, sonantismo e consonantismo do latim* de Alfredo Marques de Oliveira Filho (1955), *O ensino do latim* de Sílvio Elia (1957), *Gramática latina* de Júlio Comba (3. ed., 1981 [1958]), "Metodologia e instituições" em *A presença do latim* de Vandick Londres da Nóbrega (1962a, v. 1; *Metodologia do latim*, 2. ed., 1962b), *Do morfema indo-europeu n em latim*, *Os prefixos latinos* e *O supletivismo indo-europeu na morfologia latina* de Rubens Costa Romanelli (1963; 1964; 1975) e *Uma estranha língua?* de Alceu Dias Lima (1995).

Não é sem razão que se cobra dos que fazem uma graduação em Inglês, por exemplo, conhecimento de língua inglesa, e o mesmo vale para outras graduações de Letras Modernas, devendo-se observar o mesmo para Letras Clássicas, com a consideração de como isso deve ser tratado no caso de línguas já não faladas. De onde se explica a ênfase aqui dada à língua nos estudos latinos, uma vez que se nota a necessidade de um aperfeiçoamento nessa direção para que não ocorra um desequilíbrio entre língua e literatura. Para Letras Clássicas, não é apenas desejável, como também preciso, que o latinista tenha boa formação em grego e o helenista haja estudado latim a contento. Quanto tempo se deve estudar de latim e de grego para fim de formação complementar? Não é fácil responder a essa pergunta, mas se pode lembrar como as coisas se davam em outras épocas. Em meados dos anos 30 do século XX, no Curso de Professor de Língua [e Literatura] Latina[s] (segundo o programa do curso) da Universidade do Distrito Federal, a língua e a literatura grega eram estudadas ao longo de todo o curso, que tinha duração de três anos e habilitava os formandos em latim unicamente, recordando-se que o grego já não era matéria obrigatória fazia uns vinte anos no ensino secundário. Na vigência do Decreto nº 1.190 de 1939 e legislação complementar, basicamente anos 40 e 50, no Instituto "Sedes Sapientiae", posteriormente incorporado à PUC-SP, o corpo discente tinha três anos de língua e literatura latina no Curso de Letras Neolatinas e dois no de Anglo-Germânicas. As graduações de Letras no Brasil têm, na sua maioria, duração de quatro anos, herança da legislação atinente a esse decreto que, no país, padronizou os cursos superiores. Pensando-se na realidade atual brasileira, seria bom que se exigissem dois anos de latim dos estudantes de grego e dois de grego dos alunos de latim, dois de línguas e um de literaturas, poesia épica e tragédia da grega, poesia "lírica" e satírica da latina, de preferência, ou épica e "lírica", épica e comédia, "lírica" e comédia; cobrado isso como formação mínima, deixando-se a possibilidade de o interessado fazer mais algumas disciplinas de acordo com o seu interesse e a sua disponibilidade. Pessoalmente, pela minha experiência, acho que a formação básica de grego deveria ser de três anos, o que lembra o que se pedia no curso de Latim da primeira UDF, pois a UERJ também foi assim chamada antes da mudança da capital federal. Penso em três anos, com disciplinas de 3 ou 4 horas semanais de língua grega, levando em conta a gramática grega, mais distante da portuguesa do que a latina, e a complexidade morfológica do verbo grego sobretudo, e prevendo tempo destinado à leitura, iniciação na verdade, de autores e suas obras mais importantes, fora disciplinas de literatura grega, entre obrigatórias e optativas: poesia épica, "lírica", tragédia, comédia, oratória, romance. Pelos programas dos cursos da UDF, depreende-se que a carga horária para cada língua e literatura clássica talvez fosse de 4 horas-aula, o que daria 8 horas semanais, pelo menos para o primeiro ano é o mais plausível. Nossos colegas de História Antiga e de Filosofia Antiga, assim como os medievalistas, também deveriam passar por essas "provas de fogo". É comum ouvir "você que é de Letras...", quando, na realidade, o professor de Língua (ou de Língua e Literatura) Latina, o de História Romana, o de Filosofia Medieval, todos devem se dedicar muito à língua latina. É evidente que se espera uma dedicação maior da parte de um professor de Letras mesmo, mas não uma menos profunda do que se espera de um medievalista. Professor de História da Civilizacão Romana na antiga UDF, Eugène Albertini impressionou pelo seu conhecimento de latim. O historiador Ferdinand Lot, medievalista, escreveu um trabalho, hoje traduzido aqui entre nós, que, apesar do problema difícil e da sua questionada

colocação, revela uma intimidade muito grande com os estudos de língua latina (“Em que época se deixou de falar latim?”, *Signum: Revista da ABREM*, São Paulo, Associação Brasileira de Estudos Medievais, v. 8, p. 191-260, 2006; “A quelle époque a-t-on cessé de parler latin ?”, *Bulletin du Cange*, v. 6, p. 97-159, 1931). Reinhold José Augusto Berge, o Frei Damião Berge, serve de exemplo para os estudos helênicos pois esteve à frente de duas cadeiras, História da Filosofia e Língua e Literatura Grega da antiga Universidade do Brasil, atual UFRJ, como Catedrático Interino na primeira, inicialmente, e, na segunda, de modo efetivo após concurso para cátedra.

No estudo de língua, tanto grega como latina, convém que os textos a serem estudados em aula sejam bem preparados para que possam ser aproveitados da melhor forma possível. O mesmo pode se dizer dos excertos para fim de provas de concurso, devendo esses ser bem escolhidos entre as obras dos autores, e não ser fruto de uma seleção pessoal ou aleatória. Muito válida para o estudo de língua seria uma convergência dos cursos de Latim com o objetivo de se conceber uma antologia a ser adotada ou recomendada para o trabalho em nível de graduação. Se houvesse algo assim acordado, seria de proveito para o orientador de pós-graduação, assim como para o orientando, e para os concursos de ingresso na carreira de magistério em nível superior. Nos programas de latim, há um predomínio de poetas dos mais variados gêneros, e isso tem explicação na própria literatura latina. Ao longo do curso, porém, é preciso também estudar e traduzir textos em prosa de autores intimamente ligados à literatura, pois isso contribui para a pesquisa mesmo de poetas, sendo a prosa indispensável ao aprendizado de línguas clássicas. Uma formação complementar em linguística tem muito a acrescentar ao latinista, mas é bom evitar uma subordinação que leve ao prejuízo do conhecimento da própria língua latina, já que é difícil conciliar mais de um interesse, entre os vários que despertam a atenção do professor de latim. O estudo da fonética e da morfologia histórica faz parte da formação desejada para o latinista, mas o fato é que hoje, em meio a tantas exigências curriculares, talvez seja o caso de se priorizarem as aulas de gramática e sintaxe latina, dando-se preferência, quanto à diacronia, ao trabalho com base em documentação da língua arcaica. A gramática histórica poderia ser objeto de leitura recomendada, sendo também apresentada, aos poucos, ao longo dos níveis de língua latina. Nas primeiras disciplinas, duas ou três conforme a expectativa e o desempenho, não é aconselhável, no entanto, à medida que avança nos estudos, o aluno deve tomar conhecimento de outras terminações documentadas – porque desinência é outra coisa –, por exemplo, para o genitivo singular: 1ª, *-āī*, *-ās*, *-aes*; 2ª, *-ūs*; 3ª, *-ĕs*, *-ŭs*; 4ª, *-ī*, *-ŭĭs*, *-ŭŏs*; 5ª, *-ēs*, *-ē*, *-ī*.

* C. VALERIVS CATVLLVS *

Levando-se em conta o baixo-latim e o latim medieval, sem falar da posteridade, sobretudo renascentista, há uma multidão de escritores com suas obras estudadas por autores em várias línguas, mesmo o dinamarquês, o sueco, o polonês, o húngaro, línguas que, de forma geral, nunca estudaremos. Se a literatura latina, no seu *lato sensu*, já é muito vasta, também o é tudo o que foi escrito sobre ela ao longo do tempo. É preciso, portanto, que o estudioso faça uma seleção de autores e obras de sua preferência, daí a importância de uma antologia bem pensada a trabalhar em nível de graduação e até especialização, onde esta tem espaço nos cursos de Letras. No que diz respeito a autores

estudados, embora seja difícil acordarem-se as preferências individuais, um leque menor de autores latinos pode ter sua vantagem e mesmo um interesse comum por um autor em especial. Santo Agostinho sempre foi o autor latino mais estudado no Brasil em razão de uma inclinação teológica e filosófica, o que proporcionou uma tradição e uma bibliografia que amparam aquele que se interessa pela obra do Bispo de Hipona. Com relação a Sêneca, a USP tem uma experiência bem sucedida com várias dissertações de mestrado e teses de doutorado que dizem respeito ao preceptor de Nero, sendo o filósofo um dos autores latinos mais estudados, no país, ao longo da última geração, posição de que não desfrutava antes, quando se distinguiam Agostinho, Cícero, Horácio e Virgílio.

O estudo de línguas estrangeiras é indispensável ao trabalho do latinista, exigindo dele uma dedicação maior daquela que se pede de quem se dedica ao português ou ao inglês, e uma só língua nunca bastará, o que nos coloca numa situação desfavorável por falarmos português, já que não dispomos de uma tradição, nos estudos clássicos, comparável à da França ou à da Inglaterra. É bom lembrar, porém, que, nos países de língua francesa ou inglesa, os estudiosos, às vezes, acomodam-se e não priorizam o aprendizado de línguas como deveriam, do que se queixava Raymond Chevallier há muito tempo atrás. Pensando-se na Europa, num país como a Finlândia – com a lembrança de que o finlandês não é uma língua indo-europeia –, onde há um cultivo respeitável dos estudos latinos, país luterano, que tem uma tradição latina porque foi do rito de Roma, pode-se questionar sobre as suas limitações por ter uma língua nacional sem a expressão de uma outra como a portuguesa. Na realidade, os problemas no Brasil são, principalmente, de ordem cultural; por mau fruto de uma formação perversa tem-se um ensino desprezado, são arquivos e acervos referentes à cultura abandonados, mesmo quem deveria zelar por uma biblioteca, por vezes, a trata como material descartável: foi assim que vi os livros de uma biblioteca desativada, não lembro por que motivo, de um antigo liceu estadual, instalado num amplo edifício, mas que despejou os seus livros, amontoados quase como lixo, acervo de mais de um século, que nem empilhado estava, jogado num espaço pequeno da vasta construção. Voltando às línguas estrangeiras, deve-se ter em mente que um professor de latim é alguém que não possui, como língua de ofício, atualmente, um idioma como o inglês, o mais estudado no mundo, ou o italiano, língua de cultura e erudição, tanto um como o outro, línguas bem vivas. Como já se enfatizou, o latinista também deve se dedicar às línguas estrangeiras, mas o estudo do latim não pode ficar descuidado em razão da natureza diferente do seu estudo: de que serve um candidato falar com fluência o inglês e não estar pronto para traduzir um trecho de latim numa prova de concurso? É mais válido que o interessado leia uma ou mais línguas modernas e possa trabalhar um texto clássico munido de dicionário. Nos trabalhos acadêmicos, no entanto, convém que as citações em latim, grego e até alemão sejam acompanhadas de traduções, pois o estudo de línguas clássicas recuou muito, e o alemão, apesar da sua importância, nunca teve, no Brasil, um investimento forte, comparado ao que se fez para outras línguas.

Já faz um bom tempo que o ingresso na carreira universitária se faz por meio de concurso de provas e títulos, entretanto, nas primeiras décadas das FFCLs, era o catedrático que indicava os seus assistentes, verdade seja dita, nem sempre acertando nas suas escolhas. Muitas vezes, não se tratava de um ato desonesto, mas sim de uma preferência de ordem pessoal e subjetiva, pois era o sistema então existente que dava margem a esses equívocos. Muito depois do fim da cátedra, quando os professores eram

indicados, praticamente, mediante aprovação de currículo apresentado, aconteciam, por vezes, escolhas desastradas, algumas notórias e reiteradas. Com os concursos de ingresso, mudou-se a forma de admissão para docente, embora esse modo de processo seletivo careça de aperfeiçoamento, e, sobre isso, por mais que se fale, pouco se vê de melhora no final das contas. Não vou tratar aqui do assunto, porque é algo que extrapola os limites deste texto, mas uma coisa pode ser dita: a importância que se dá, na prática, a currículo justamente numa época em que ele, às vezes, pode não querer dizer muito ou mesmo nada. Até o início dos anos 40, havia a disciplina de Literatura Luso-Brasileira, que já vinha desde antes das FFCLs, e há muito tempo que não se pensa em abrir um concurso em conjunto para as duas matérias, muito menos um para português e as suas literaturas. Nas línguas estrangeiras, bem como nas clássicas, frequentemente, se veem docentes que se identificam mais e até muito com língua ou com literatura. Tive um professor que sabia muito latim e possuía uma grande cultura literária, incluindo-se estudos a respeito, porém como professor de literatura era quase um peixe fora d'água, ficando à vontade mesmo nas aulas de língua, notando-se também caso oposto, e tanto um como o outro não eram únicos e estavam presentes em outros setores de línguas e literaturas. Diante da dificuldade de se abrirem concursos distintos, sobretudo onde há curso de graduação, é o caso de os setores se organizarem para que as disciplinas sejam ministradas da forma mais proveitosa, observando-se as habilidades, já que esses dois perfis são muito comuns, talvez até mais do que o terceiro que lida bem tanto em língua como em literatura, como foi o caso de Mario Pereira de Souza Lima, Catedrático de Literatura Brasileira e autor de uma das melhores gramáticas tradicionais de português feitas no Brasil em certo período.

Além dos perfis citados, o trabalho de pesquisa individual é muito particular, o que se acentua num país como o Brasil, com todas as suas carências, e nas áreas de estudos clássicos, por aqui bastante heterogêneas. Conheci um professor de latim, muito competente e preparado, até produtivo para a sua época, tendo deixado um número razoável de artigos, todos publicações válidas, mas que não traduziu quase nada nem legou livro algum, essa foi a sua contribuição, merecedora de ser apreciada. Eu também poderia mencionar alguém que houvesse traduzido bem mais e escrito um número menor de estudos, o importante, no entanto, é que fique claro como é difícil, para não se dizer problemático, esperar e exigir de um professor um trabalho preconcebido e mesmo padronizado, o que pode e deve, sim, ter vez em níveis de graduação e pós-graduação. Se intelectuais de mente privilegiada não tem uma contribuição homogênea e balanceada, como se pode cobrar isso de simples estudiosos? Cada um deve trabalhar do seu modo e ao seu tempo pois é assim que vai chegar a algo válido e até original. Uma coisa que não tem serventia nenhuma é o elogio fácil e gratuito, algumas vezes feito para se compensar uma formação insuficiente dada por quem elogia, isso longe de estimular seja quem for, mais tem servido para a ilusão e a aparente segurança. Pode parecer que não, mas cabe dizer isso aqui, pois assim se definem e se orientam carreiras, que podem ter outro rumo se forem encaminhadas de forma sensata e correta. Com irradiação também nas trajetórias, a produtividade como hoje se concebe faz parecer banal um autor como Sérgio Buarque de Holanda, dando-se um exemplo de Letras e Humanas – as Letras e as Letras Humanas –, confrontada a produção de uma mente privilegiada com outras de autores atuais que, no mais das vezes, aparentam lhe estar em pé de igualdade.

Para a atividade de estudo e pesquisa, uma orientação que se mostrou de muita validade, nos estudos clássicos, consistia na apresentação de um autor antigo por meio de

estudo e de tradução de obra ou de unidade de obra. Como exemplo de trabalho assim concebido, pode ser citada a *Aulularia* de Plauto por Aída Costa (1967), lembrando-se que, muito antes, essa professora já se dedicara ao poeta latino com a sua tese de cátedra *Influências helênicas no teatro de Plauto (a "Aulularia")* (1954). Há décadas atrás, havendo latim nos ginásios e nos seminários bem mais do que agora, existia um preparo maior para quem iniciava um curso de pós-graduação, mesmo na vigência de curso nos moldes antigos. Além disso, não havia uma premência em publicar, o que proporcionava um amadurecimento para o trabalho, já que o ideal é que o tradutor seja também um estudioso do autor e da obra a ser trabalhada. A verdade, porém, é que a atividade de pesquisa só tomou um impulso maior a partir dos anos 70 com o novo curso de pós-graduação, nos estudos clássicos, particularmente na USP e na UFRJ. A edição bilíngue tanto para o latim como para o grego é conveniente dentro de certos limites. A tradução da obra de um autor acompanhada do original, se não for de extensão considerável, observado também o seu gênero, é algo que se justifica num país com tradição limitada nos estudos clássicos. Há edições bilíngues, por exemplo, de tragédias, de obras como a de um poeta como Catulo na tradução de João Angelo Oliva Neto, trabalho que convida ao original pela sua inovação (*O livro de Catulo*, 1996). Com o recuo do estudo do latim e do grego também, fica sem sentido, no entanto, publicar a *Anábase* de Xenofonte em edição bilíngue num país como o Brasil. Sei que muitos podem discordar de mim, mas o problema reside no menor interesse pelas línguas clássicas mesmo nos cursos de Letras. O professor ou o estudante avançado de Letras Clássicas têm ao seu alcance, sobretudo nos dias de hoje, textos clássicos originais. Em 2015, a UFPA passou a republicar a obra de Platão em tradução de Carlos Alberto Nunes juntamente com o original, embora, nos cursos de Filosofia, nem todos se dediquem à língua grega. Tivesse a editora universitária optado por lançar apenas a tradução, o nosso país e os outros de língua portuguesa teriam a obra do filósofo em menos volumes e com preço mais acessível, o que tornaria mais convidativa essa tradução, com certeza, mais recomendável do que outra encontrada no mercado editorial brasileiro.

No Brasil, veem-se manuais sobre as mais variadas matérias, uns traduzidos, outros feitos aqui mesmo, entre estes últimos, existem alguns, porém, que seriam mais bem sucedidos se feita a opção de se traduzir apenas, já que o país não possui tantos especialistas como a França ou a Itália. O também latinista Fernando de Azevedo escreveu um compêndio sobre a sua outra especialidade, visto que esteve à frente da Cadeira II de Sociologia da USP. Por outro lado, há quem tenha a iniciativa de lançar uma obra dessa natureza sem estar preparado para esse trabalho. No caso dos estudos latinos, muitas foram as gramáticas elementares por aqui publicadas, sendo pena que isso tenha rareado ultimamente. Para uma gramática mais alentada, deve-se pensar bem quanto à sua confecção em vista de experiências não de todo satisfatórias. A respeito de manuais de literatura latina, além de traduções, temos alguns aqui produzidos, entre estes nacionais, há bons livros introdutórios, no entanto, feita a tradução de uma obra geral ou específica, seria interessante acompanhá-la de resenhas acerca do trabalho original para se ter uma boa compreensão da importância do título em causa e da contribuição por ele apresentada. A leitura constante de resenhas adianta muito o estudo, sobretudo nas Letras Clássicas, pois o volume de trabalhos sempre foi muito grande, sendo impossível ler tudo que se publica, além de, na verdade, mesmo não necessário pelo que se depreende de resenhas feitas por autoridades estrangeiras: o fato de um título ser lançado na Europa ou

na América do Norte não é garantia de que se trata de algo marcante para o avanço do conhecimento em certa especialidade. Esse exame de resenhas é fundamental para a elaboração de pesquisa em nível de pós-graduação com fim de se redigirem os seus trabalhos mais profundos, dando mais segurança aos seus roteiros de estudos e pesquisas.

A primeira revista brasileira de estudos clássicos foi o *Boletim de Estudos Clássicos* da antiga Associação de Estudos Clássicos do Brasil, com sete números lançados de 1956 a 1968. Vale também registro para *Classicum*, revista secundária artesanal iniciada em 1950 pelos jesuítas do Colégio Anchieta de Nova Friburgo, a partir de 1955, a cargo da extinta Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, cujos treze (ou mais) voluminhos fasciculados se tornaram raridade por causa do descuido com os acervos bibliográficos. Até uma certa época, por volta dos anos 80, os trabalhos de publicações seriadas referentes a língua e literatura latina se encontravam, em grande parte, em revistas de cultura, sobretudo católicas (*e.g.*, *A Ordem*, *Revista Eclesiástica Brasileira* e *Vozes de Petrópolis*/*Cultura Vozes*), revistas filológicas (*e.g.*, *Boletim da Sociedade de Estudos Filológicos*, *Jornal de Filologia* e *Revista Filológica*), acadêmicas ligadas, primeiro, às FFCLs (*e.g.*, *Kriterion*, *Verbum* e *Veritas*), depois mais a Letras (*e.g.*, *Alfa*, *Letras*/*Revista Letras* de Curitiba, *Língua e Literatura* e *Revista de Letras* de Assis), além de revistas de Humanas (*e.g.*, *Revista Brasileira de Filosofia* e *Revista de História* de São Paulo). Com periódicos voltados para os estudos clássicos, publicações passaram a se concentrar neles, como *Calíope*, *Classica* da SBEC, *Ensaios de Literatura* e *Filologia* e *Omnia*. Daí para cá, devem-se registrar *Boletim do CPA*, *Letras Clássicas*, *Phaos*, *Phoînix* e *Principia*. Para os estudos latinos, nota-se a falta de algo como *Romanitas*, da antiga Sociedade Brasileira de Romanistas, vinte números de 1958 a 1981, com direção de Vandick Londres da Nóbrega, porque, para o estudo do latim, foi uma referência que, no Brasil, ficou sem continuidade. Como o número de professores de latim é grande, seria bom que houvesse um periódico para a área, ainda que meramente informativo, que poderia assim começar, já que, em geral, se abre espaço para outros gêneros de trabalhos. Que não seja enfadonha essa relação de títulos, pois há muitos trabalhos aí publicados que devem ser lidos, citados e relidos, apesar de, obviamente, o conjunto ser desigual. Numa época em que se cobra tanto produção como a nossa, seria interessante a organização de coletâneas dessas publicações para que não apenas se recupere essa contribuição passada, como também para que ela esteja mais disponível. Convém registrar a marcante diminuição do número de resenhas, nos últimos tempos, em revistas nacionais. Com relação aos estudos clássicos, um dos melhores periódicos estrangeiros para resenhas é *L'Antiquité Classique*, geralmente um volume anual com algumas centenas de páginas reservadas à matéria. A revista de estudos latinos mais copiosa é *Latomus*, que é lançada anualmente em quatro números. No início deste texto, tratou-se da importância de *L'Année Philologique*, há quase um século como repertório bibliográfico de âmbito internacional para os estudos clássicos, primeiro volume em 1928 com redação para de 1924 a 1926. Muito consultada no Brasil anteriormente, a *Revue des Études Latines* agora divide a estatística com *The Journal of Roman Studies*. Infelizmente, revistas estrangeiras de estudos clássicos não se encontram facilmente nas bibliotecas brasileiras de Letras e Ciências Humanas, o que se comprova com uma simples consulta ao CCN, valendo o mesmo para periódicos de Letras Clássicas de Portugal, como *Ágora*, *Euphrosyne* e *Humanitas*, publicações na própria língua portuguesa.

* P. VERGILIVS MARO *

A bibliografia brasileira acerca de língua e literatura latina não pode ser ignorada, embora não se compare com a produção da Itália ou mesmo da Espanha. Descontadas as obras desmembradas, mas no seu conjunto para fim de transcrição, as entradas do *Repertório*, de 1830 a 1996, são em número de 2114 (2149 - 35). O mesmo cálculo para o *Suplemento*, de 1997 a 2006, chega a 1046 (1073 - 27) na versão preliminar, que em muito pouco deverá ser alterado, já que só faltam consultas bem pontuais para o total fechamento.[2] É digno de nota o volume de publicações do último período trabalhado, que parece manter-se ou até aumentar nesta fase que lhe é posterior, quando avultam hoje lançamentos em meio eletrônico. Se, em Letras e Humanas, houve um aumento no número de títulos, o mesmo não se pode dizer da área de Direito, uma vez que a disciplina de Direito Romano já não possui a relevância curricular de outros tempos, em que nela se destacavam docentes que também se tornaram conhecidos como excelentes latinistas. Como escrito aqui a respeito dos periódicos, esse volume de obras impressas forma um conjunto heterogêneo, sendo tal assim mesmo, pois não é de outra forma em outras áreas do conhecimento. Há trabalhos de primeira ordem, existem títulos de valor, mas escritos em momentos difíceis, outros há que, embora válidos, requerem mais acabamento, o importante, porém, é que se trata de leituras de proveito, indispensáveis ao trabalho do estudante ou do professor de latim no Brasil. Como não poderia deixar de ser, infelizmente existem títulos cuja contribuição mostra-se muito pequena, desencorajando uma releitura, mas isso faz parte do mundo dos livros, notando-se também em outras épocas e em outros lugares. É interessante observar que, com o que foi publicado sobre latim no país, é possível oferecer, entre nós, um curso de qualidade. Há bons trabalhos em língua, existem traduções confiáveis, há farto material acerca dos principais autores, lembrando-se que, em meio eletrônico, existe muito a pesquisar do que foi lançado no Brasil e no exterior. Eu tinha a intenção de apresentar aqui, para ilustrar isso, um roteiro para o estudo de alguma disciplina de literatura latina, mas este texto já está mais longo do que eu esperava, ficando por conta do leitor o exame do que se tem, por exemplo, sobre Virgílio (*Eneida* e *Bucólicas*) e Horácio (*Odes*, *Epodos* e *Sátiras*). Com mais ou menos bibliografia nacional, os estudos em literatura hoje revelam um amadurecimento em relação ao que se fazia anteriormente, quando predominava, no país, uma orientação menos literária nos estudos clássicos, ao que acrescia uma dificuldade muito maior no acesso à bibliografia especializada.

"Terenz und seine künstlerische Eigenart" é um título de estudos de Heinz Haffter, que foram lançados, originalmente, em revista suíça e, depois, reunidos em pequeno livro (*Museum Helveticum*, v. 10, n. 1, p. 1-20, 1953; v. 10, n. 2, p. 73-102, 1953; Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1967, 50 p.). Aliando a erudição de língua alemã à italiana, Dante Nardo traduziu o trabalho e o dotou de introdução e apêndice bibliográfico, concebendo-se, dessa forma, uma obra que se tornou referência no estudo da literatura romana (*Terenzio e la sua personalità artistica*, Roma: Edizioni dell'Atenneo, 1969, 147 p.). Um título dessa importância lembra *Luciano nella sua evoluzione artistica e spirituale* de Carlo Gallavotti (Lanciano: Giuseppe Carabba, 1932),

[2] 997 (1020 - 23) foi o cômputo para o primeiro lançamento do trabalho, divulgado então em <www.e-tuffani.com.br>.

que também marcou presença e, nos estudos helênicos, representou bem a escola italiana. No nosso país, não há uma tradição tão forte nos estudos clássicos, e o autor latino de origem púnica, entre nós, também nunca foi muito estudado, mas quem por ele se interessa não está desamparado, já que pode dispor de obra como *Os Adelfos de Terêncio* de Armando Tonioli (1961), conceituado professor da velha guarda de São Paulo, podendo servir-se, além disso, de trabalho português com título *Ideias pedagógicas na comédia de Terêncio* da autoria de António Maria Martins Melo (Braga: APPACDM Distrital de Braga, 1994). Como já foi afirmado anteriormente, existe uma série de títulos nacionais, e portugueses também, com os quais é possível formar uma boa cultura nos estudos latinos. Como primeiro exemplo de traduções, um contato inicial com os *Anais* de Tácito pode ser feito por meio do trabalho de um antigo e prestigiado latinista, o professor Leopoldo Pereira (Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1964). Iniciando-se a menção dos estudos, entre os livros, um dos mais trabalhados, fruto de tese como outros, é *Construção e arte das Bucólicas de Virgílio* de João Pedro Mendes (Coimbra: Almedina, 1997 [1985]). Numerosos são os artigos, e seria desconcertante citá-los em parte, por isso menciono apenas "Ars grammatica" de José Lourenço de Oliveira (1956), título ainda décadas após o seu lançamento com recomendação em *L'Antiquité Classique*. Dos trabalhos de graduação, mais comuns antes em revistas, cabe citação a "Casulo poético" de André Dick (1998), acerca da modernidade da criação poética de Catulo, bom representante entre os mais recentes. Mencionando-se ainda mais um título dessa natureza, visto que os docentes serão aqui bem lembrados, vale registrar "A mensagem jurídica em 'Os Adelfos' de Terêncio" de Francisco Prestello de Vasconcellos (1985), retomado o autor antigo que deu razão a esta passagem, sendo feita alusão, com esses títulos, a duas coletâneas de trabalhos de discentes, sobretudo de graduação.

Quanto ao rol das traduções, bem como dos seus tradutores, isso deve ser feito aqui com a consideração das suas linhas gerais, citando-se o que há de mais divulgado e publicado até o ano limite de levantamento dos trabalhos. Nos anos 30 do século XX, foi tomando corpo o que se tornou a tripla habilitação de Português, Latim e Grego, criando-se um ambiente mais propício, no Brasil, à divulgação dos clássicos, inclusive por meio de obras relacionadas às atividades desenvolvidas nos cursos de Letras Clássicas. Na fase anterior, assim como na vigência desses cursos e no período de trabalho de quem se formou com um ensino presente do latim no Secundário, destacam-se traduções feitas por latinistas e literatos. Manuel Odorico Mendes encarregou-se da *Eneida* (3. ed., 1958; 2005 [*Eneida brazileira*, Paris: Rignoux, 1854]), das *Bucólicas* e das *Geórgicas* (1995), sendo encontradas publicações do conjunto dessas obras (*Virgilio brazileiro*, [s.d.] [Paris: W. Remquet, 1858]) entre outros lançamentos desse autor, como pelas casas Cultura e W.M. Jackson. Latinista do Liceu Maranhense, Francisco Sotero dos Reis, entre mais trabalhos, legou uma tradução dos *Comentários* de César mais de uma vez editada (1941 [1863]). Lepoldo Pereira também se ocupou da *Eneida* num trabalho em prosa (3. ed., 1968 [Belo Horizonte: Imprensa Official do Estado de Minas, 1920]). Se as traduções poéticas criativas de Odorico Mendes hoje são mais aceitas, é bom lembrar que antes as coisas não se davam da mesma forma. O *Tratado dos deveres* de Cícero foi trabalhado por Nestor Silveira Chaves ([s.d.]), tradutor também de *A política* de Aristóteles, lançada por oito casas editoras até 2011. Com formação em Letras Clássicas, a professora e escritora Ruth Guimarães traduziu *O asno de ouro* de Apuleio (São Paulo: Cultrix, 1963).

Uma nova tradução poética da *Eneida* surgiu da lavra do consumado tradutor Carlos Alberto Nunes (1981). As *Bucólicas* de Virgílio foram objeto da atenção, entre outras atividades literárias, do poeta e estudioso Péricles Eugênio da Silva Ramos (1982). Uma bela tradução de uma bonita tragédia à romana, *Hipólito* de Sêneca, a sua *Fedra*, ofertou o culto poeta José Eduardo do Prado Kelly (1985). Professores universitários também se engajaram em projetos editoriais voltados para a tradução dos clássicos, mencionando-se os seguintes dos seus vários trabalhos: *Da natureza* de Lucrécio por Agostinho da Silva da antiga Faculdade Catarinense de Filosofia e da UnB (3. ed., 1985 [1962]), *Eneida* de Giulio Davide Leoni e Neyde Ramos de Assis do Instituto "Sedes Sapientiae" (1966), *Comédias* de Plauto por Jaime Bruna da USP (1978) e *Eneida* de Tassilo Orpheu Spalding da então FFCL de Mogi das Cruzes ([s.d.] [1981]), não podendo, de Spalding, ficar aqui sem registro *Deuses e heróis da Antigüidade Clássica: dicionário de antropônimos e teônimos vergilianos* (1974). Deve-se notar o predomínio de traduções em prosa, de obras na sua origem em poesia, nesses empreendimentos dominantes por largo período. Com atenção a um recuo no tempo, não podem ficar sem menção os nomes dos professores Arduíno Bolivar, Bento Prado de Almeida Ferraz e Celestino Correia Pina. Por outro lado, não se arrolam traduções de caráter meramente escolar ou comercial, pois aqui se levam em conta trabalhos mais elaborados e respeitantes aos autores mais canônicos da literatura latina. Apesar deste último ponto, cabe citação aos estudiosos e tradutores da Patrística Latina: Paulo Evaristo Arns, João Evangelista Enout e Cirilo Folch Gomes. Da mesma forma, no que concerne ao Direito Romano, citam-se Alexandre Augusto de Castro Correia, Alexandre Correia, Sílvio Augusto de Bastos Meira e Gaetano Sciascia.

O advento dos cursos superiores de Letras Clássicas coincidiu com um aumento da demanda por traduções, que vinham sendo feitas por latinistas e literatos com formação adquirida no antigo Secundário, ao que acrescia uma empresa de cunho simplesmente imediatista com persistência até os dias de hoje. As traduções de peças de Plauto feitas por Aída Costa e Jaime Bruna já se enquadram em trabalhos sob a responsabilidade de especialistas, visto que esse professor defendeu tese sobre o comediógrafo no antigo regime de pós-graduação. O mesmo se pode dizer quanto a *Das leis* de Cícero por Otávio T. de Brito (1967), pois este é autor de tese sobre a obra traduzida com defesa no Colégio Pedro II. Ainda que a sua tese de concurso para Professor Titular seja sobre comédia latina, Johnny José Mafra tem nome no estudo do teatro antigo e traduziu o *Édipo* de Sêneca (1982). A partir dos anos 90, as traduções a cargo de latinistas são oriundas, em geral, de atividades em nível de Mestrado e Doutorado, algumas trabalhadas antes, mas só então vindo a público: *Tratado sobre a clemência* de Sêneca por Ingeborg Braren (1990), *O cancioneiro de Lésbia* de Catulo por Paulo Sérgio de Vasconcellos (1991), *Cartas consolatórias* de Sêneca por Cleonice Furtado de Mendonça van Raij (1992), *Sobre o destino* de Cícero por José Rodrigues Seabra Filho (1993), *Sobre a brevidade da vida* de Sêneca por William Li (1993), *As Troianas* do mesmo autor por Zélia de Almeida Cardoso (1997), *A Guerra Civil* de César por Antonio da Silveira Mendonça (1999), *Dos deveres* de Cícero por Angélica Chiappetta (1999), *Satyricon* de Petrônio por Sandra Braga Bianchet (2004), *Escritos* de Boécio por Juvenal Savian Filho (2005), *Retórica a Herênio* por Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra (2005), *Bucólicas* de Virgílio por Raimundo Carvalho (2005) e *Estico* de Plauto por Isabella Tardin Cardoso (2006), citadas essas traduções entre outras

também elaboradas por docentes de latim sobretudo, mas não diretamente vinculadas a trabalhos para fim de titulação em estudos pós-graduados. Ricardo da Cunha Lima traduziu *Sobre a providência divina* e *Sobre a firmeza do homem sábio* de Sêneca (2000), tendo estudado Cícero filósofo na sua dissertação. Muitas são as traduções ainda inéditas em dissertações e teses, o que me leva a eleger uma para representá-las, abrindo mão de uma longa lista e evocando um autor antigo cuja obra carece de divulgação, pois só dispomos de traduções portuguesas envelhecidas. Portanto, a título de exemplo, as *Sátiras* de Juvenal se encontram em parte da tese de Mariano Parziale, denominada *A sátira de Juvenal como instrumento de educação social* (1995, 2 v.). Um trabalho interessante consiste no resgate de inéditos ou dispersos, como o que fez Anna Lia Amaral de Almeida Prado das traduções das *Odes e Epodos* de Horácio por Bento Prado de Almeida Ferraz (1998). As mudanças nos costumes ocorridas nas últimas gerações proporcionaram, no meio acadêmico, traduções mais objetivas de alguns autores em especial, como a já aludida de Catulo, levando também ao prelo, entre nós, obra do feitio de *Falo no jardim: Priapéia grega, Priapéia latina* em tradução de João Angelo Oliva Neto (2006). Na atualidade, parece fácil questionar a ausência ou a tradução de um verso de forma menos explícita, criticando-se, anacronicamente, trabalho como *Poésies* de Catulo por Georges Lafaye (11. tir., Paris: Les Belles Lettres, 1984 [1923]). No século XIX, na coleção "Les Auteurs Latins", o texto original, o explicado por Édouard Sommer e o traduzido por Auguste Desportes da sátira I, 2 de Horácio vieram sem os versos 28-36 e 44-134 (*Les satires*, Paris: Hachette, 1903 [1847]). O ambiente universitário, como se depreende, prescindia de textos e até de traduções mais fiéis, uma vez que, no caso mais recente, mesmo havendo um novo trabalho para Catulo, ainda havia quem desse preferência ao de Agostinho da Silva (Catulo, *Poesias*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933). Tomando parte em consistente empreendimento editorial, deve ser mencionado, dando-se fim a esta listagem, o professor e estudioso Carlos Ancêde Nougué com, sobretudo, tradução de Cícero, *Do sumo bem e do sumo mal* (2005).

No século XX, vários manuais de literatura latina foram publicados no Brasil, alguns deles, em razão da sua brevidade, não têm aqui tratamento. De forma geral, esses trabalhos são obras introdutórias, livros elementares no bom sentido da palavra. Havendo possibilidade, convém ler todos eles, pois sempre se aprende algo com quem já se dedicou à matéria, porque esses manuais se destinam a um contato com o estudo da literatura latina. *Prosadores e poetas latinos* de César Zama (1955 [*Prosadores, poetas latinos*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902]) foi o primeiro lançado nesse século, o mais antigo com citação neste texto, sendo um dos mais extensos e também dos mais disponíveis nas nossas bibliotecas. O seu autor foi um intelectual importante, escreveu outros títulos a respeito da Antiguidade Clássica, foi médico, político e professor de latim, deixando o manual em causa, que é, na verdade, um trabalho brasileiro com concepção do século XIX, o que não lhe tira o mérito, mas o situa num contexto. Outra obra com boa extensão é *Compêndio de história da literatura latina* de Alfredo Xavier Pedroza (1947). Professor de latim na antiga Faculdade de Filosofia do Recife das Irmãs de Santa Doroteia, agregada à Universidade do Recife, o autor religioso nos legou o manual que melhor contempla a literatura latina medieval, ainda que não cuidando da profana. Com doze edições, *A literatura de Roma* de Giulio Davide Leoni (1976 [S. Paulo: Sonora, 1949]), embora elementar, com antologia de textos, já é um trabalho feito por alguém com um compromisso maior com a docência do latim, inclusive porque é um

entre vários títulos do autor acerca da literatura latina, o que não desmerece as duas iniciativas anteriores. Inspirado em similares estrangeiros, Tassilo Orpheu Spalding elaborou um *Pequeno dicionário de literatura latina* (1968), obra útil como roteiro de estudo, hoje bastante desatualizada no que diz respeito à bibliografia. O *Manual de história da literatura latina* de Rômulo Augusto de Souza ([1977?]) é mais um em que se nota o apoio maior em bibliografia estrangeira especializada, sendo o mais desenvolvido no trato com a literatura da Roma Antiga, trabalho levado a termo por esse professor da UFPA. Oswaldo Antônio Furlan, da UFSC, com a colaboração de Raulino Bussarello, lançou *Das letras latinas às luso-brasileiras* (1984). Como o título dá a entender, além da exposição da literatura latina permeada por uma antologia, estuda-se aí a tradição literária romana no mundo luso-brasileiro, tema que tratou Pedroza no seu manual, estabelecendo um vínculo entre a literatura latina cristã e a portuguesa medieval. *A literatura latina* de Zélia de Almeida Cardoso (1989), professora e pesquisadora especialista em literaturas clássicas, é um livro que reflete o amadurecimento do estudo de literatura latina notadamente a partir dos anos 70 nos cursos de graduação e de pós-graduação. Incentivador dos estudos clássicos na UERJ, o professor Amós Coêlho da Silva participou ativamente da organização da obra *Introdução à literatura latina* de Vandick Londres da Nóbrega (2006), extraída da primeira unidade do trabalho, em edição unificada, *O latim do colégio* desse autor (São Paulo: Editora Nacional, 1950), concebido para os três anos de latim do antigo Clássico, após os quatro anos obrigatórios do Ginásio com a mesma matéria.

No Brasil e em Portugal, não se fizeram manuais de maior extensão como os publicados, nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do XX, em alemão, francês, inglês e italiano. Esses tratados são histórias da literatura em alguns volumes, sendo certas obras muito alentadas, sobretudo em alemão e em francês. Wilhelm Siegmund Teuffel teve o seu trabalho revisado por Ludwig Schwabe e, mais tarde, por Wilhelm Kroll e Franz Skutsch (*Geschichte der römischen Literatur*, 1870; 1882; 1910-1916, 3 v.), o de Martin Schanz foi continuado por Carl Hosius e Gustav Krüger (*Geschichte der römischen Literatur*, 1890-1920, 7 v.), Max Manitius dedicou-se à literatura medieval (*Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*, 1911-1931, 3 v.), Alfred Gudeman fecha, por qui, a contribuição germânica (*Geschichte der lateinischen Literatur*, 1923-1924, 3 v.), e, em francês, Clovis Lamarre vai até a época de Augusto em trabalho volumoso (*Histoire de la littérature latine depuis la fondation de Rome jusqu'à la fin du gouvernement républicain*, 1901, 4 v.; *Histoire de la littérature latine au temps d'Auguste*, 1907, 4 v.). Em inglês, o destaque fica com John Wight Duff e a sua obra que tem por limite o tempo de Adriano (*A literary history of Rome: from the origins to the close of the golden age*, 1909; *A literary history of Rome in the silver age: from Tiberius to Hadrian*, 1927). Várias são as obras em italiano, tendo citação a de Concetto Marchesi (*Storia della letteratura latina*, 1925-1927, 2 v.) e a de Augusto Rostagni, tendo sido esta última revista e ampliada por Italo Lana (*Storia della letteratura latina*, 1949-1952, 2 v.; 1964, 3 v.). É bom registrar que há, nessa língua, títulos que tratam da história da literatura de forma limitada no tempo, como o de Enrico Cochia (*La letteratura latina anteriore all'influenza ellenica*, 1924-1925, 3 v.). No Brasil, foram referências o trabalho de René Pichon (*Histoire de la littérature latine*, 1897) e o de Teuffel em tradução francesa (*Histoire de la littérature romaine*, 1879-1883, 3 v.). Ainda com a orientação francesa, como o fora o manual de Pichon, durante muito

tempo o de Jean Bayet foi o mais indicado (*Littérature latine*, 1934), tendo depois deixado a vez para o de René Martin e Jacques Gaillard (*Les genres littéraires à Rome*, Paris: Nathan, Scodel, 1990 [1981, 2 v.]). Não há como ignorar a obra de Enzo Vincenzo Marmorale (*História da literatura latina*, 1955), tratada já por Ernesto Faria na sua *Introdução à didática do latim*. Sucede que esse título é mais um trabalho de divulgação com posições pessoais do autor, o que lhe valeu certa reserva, mas pode ser lido com atenção às suas limitações, uma vez traduzido em português, embora não tenha o mesmo apreço que, entre outros, o de Vincenzo Ussani (*Storia della letteratura latina nell'età repubblicana e augustea*, 1929). Além dessa de Marmorale, há outras traduções portuguesas de manuais italianos de literatura latina. Menção especial cabe à tradução de Manuel Losa do trabalho de Ettore Paratore, pois se trata de uma obra alentada e muito considerada (*História da literatura latina*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987 [1982]). A última grande empresa em tradução foi a do longo trabalho conduzido por Mario Citroni, Franca Ela Consolino, Mario Labate e Emanuele Narducci (*Literatura de Roma antiga*, 2006). Nas últimas décadas, o estudo de literatura latina tende a, para fim de síntese orgânica, levar em consideração mais os gêneros literários a desfavor de uma história da literatura. Outra tendência que se nota é a preferência por obras coletivas para fim de publicação em livro, o que não é novidade, mas tem se intensificado nos últimos tempos. O próprio volume de publicações, inclusive eletrônicas, tem crescido de forma vertiginosa. Se o francês, como língua de estudo, ainda tinha certa posição no Brasil, agora, no mundo, o inglês é o idioma proeminente. Hoje mais do que nunca é preciso ler resenhas para uma orientação mais segura a respeito do que pode ser consultado e adquirido, já que se publica cada vez mais e, com isso, nem sempre de forma válida. Entre os muitos títulos aparecidos ultimamente, podem-se mencionar os fartos manuais de Pierre Grimal (*La littérature latine*, Paris: Fayard, 1994) e de Gian Biagio Conte na tradução de Joseph B. Solodow (*Latin literature*, Baltimore: Johns Hopkins University, 1994), o tratado de Michael von Albrecht, revisado por Gareth Schmeling e pelo autor (*A history of Roman literature*, Leiden: J.E. Brill, 1997, 2 v.) e o empreendimento coletivo editado por Stephen Harrison (*A companion to Latin literature*, Malden: Blackwell, 2005). Talvez se diga que eu fui benevolente com algum trabalho nacional, a sua leitura, porém, é válida como testemunho de como se ensinava literatura latina, servindo também de introdução à matéria como título informativo, devendo o professor de latim saber apontar aos seus alunos tudo quanto pode ser revisto. Nesta relação de obras estrangeiras, não dei mais informações de imprenta porque, em certos casos, não tive acesso às primeiras edições, o que deixaria o elenco desigual. Assim sendo, forneci elementos para alguns trabalhos das escolas francesa, italiana, alemã e inglesa, todos eles muito utilizados recentemente, lembrando que o de Albrecht, cujo original é em alemão, também existe em traduções italiana e espanhola.

Quando se estuda uma literatura como a latina, bem como a grega, deve-se fazer o estudo não só de uma literatura, como também de uma cultura que, por mais que nos tenha influenciado, está bem distante do nosso mundo contemporâneo, assim como, em menor escala, os séculos XVI e XVII estão de nós muito afastados. É claro que os autores modelares da literatura latina devem ser privilegiados para fim de estudo, mas uma opção menos abrangente na exposição dos autores antigos, além do prejuízo ao estudo da cultura romana, pode fazer com que um aluno aplicado, depois de alguns anos de estudo, desconheça completamente, por exemplo, Celso e Pompônio Mela. O estudante pode não

se interessar por esses autores, mas não conhecê-los é inconcebível. Pompônio Mela foi um cultor da prosa métrica, o que não se deve ignorar, bem como o assunto tratado nos três livros que nos legou. Da mesma forma, não se pode desconhecer a importância de Celso para a medicina antiga. Em se tratando da Antiguidade, como ignorar o conteúdo dos sete primeiros livros da *História natural* de Plínio, o Velho? Se pensarmos num primeiro ano de estudo de língua, deixando a literatura para o segundo, seria de bom conselho a leitura de títulos de civilização romana e de literatura latina, respectivamente, no primeiro e no segundo períodos, o que faria com que o aluno chegasse ao segundo ano com uma base melhor para o estudo de literatura. O estudo da cultura é fundamental e, às vezes, descuida-se no caso da Roma Antiga talvez por considerar o nosso mundo ocidental e ocidentalizado como mera continuação do mundo antigo. Buscando-se um exemplo extremo, não é possível conhecer a literatura japonesa sem o estudo da história e da cultura do Japão, nem se falando aqui da língua e dos seus sistemas de escrita. As literaturas latina e grega são, em grande parte, de um mundo não cristão e, no conjunto, de um mundo não ocidental. É evidente que o Ocidente se formou, ao longo da Alta Idade Média, sobretudo nos seus aspectos culturais, com base na herança da Antiguidade Clássica sob o influxo da vertente judaica por meio do cristianismo. O equívoco reside em se encarar a Roma Antiga como o Ocidente que dela nasceu, o que se aplica menos à Grécia de Homero e João Crisóstomo. Não se desprezando a Sicília e o sul da Itália, a Grécia foi e é um país do Mediterrâneo oriental com laços mais fortes com os povos dessa região do que com os da Europa Ocidental e vizinhança, não se ignorando romanos na Antiguidade, venezianos e genoveses muito posteriormente, franceses e ingleses em momentos decisivos, mas o povo grego tem uma vivência singular com os da sua região, até pela força das suas culturas, tendo uma comunhão com o povo armênio, por exemplo, sem paralelo com outros da Europa, não sendo a Grécia também um país católico ou protestante moldado sob o Primado de Roma durante os séculos da História.

Os manuais de literatura, dos elementares aos mais elaborados, são obras que têm a sua utilidade, mas são introduções menos e mais profundas a estudos que devem prosseguir em trabalhos específicos sobre gêneros, autores e suas obras. Tomando como exemplo a sátira e Juvenal, já que se fez antes aqui alusão à tese de Mariano Parziale a respeito desse autor, podem ter citação *Os motivos da sátira latina* de Salvatore D'Onofrio (1968a, 1968b), *Juvenal* de Mônica Costa Vitorino (2003), docente com doutorado no exterior sobre o satírico, havendo também bons artigos acerca da sátira e de Juvenal, entre os quais pode ser mencionado "Lucílio e as origens da sátira latina" do já citado Ernesto Faria (1956), autor de tese de cátedra sobre Pérsio. De Portugal, tem-se *O humorismo latino* de Joaquim José Cracel Viana (Braga: APPACDM Distrital de Braga, 1994), no entanto, em língua estrangeira, há muito material sobretudo em italiano e também em inglês, como *Roman satire* de Michael Coffey (London: Methuen, 1976), *Juvenal the satirist* de Gilbert Highet (Oxford: Clarendon, 1954) e *A commentary on the satires of Juvenal* de Edward Courtney (London: Athlone, 1980), citando-se apenas títulos ingleses e mais clássicos, devendo a pesquisa continuar o seu caminho não limitando o seu trabalho a só uma ou outra escola de estudos clássicos.

Algumas teses redigidas no Brasil e outras escritas no exterior por brasileiros tiveram uma grande acolhida em centros estrangeiros de estudos latinos. A primeira dessas obras com publicação fora do país foi *La technique du livre d'après Saint Jerôme* de Paulo Evaristo Arns (Paris: E. de Boccard, 1953), seguida da que recebeu prêmio da

Academia Francesa em 1958, *A ética estóica em Cícero* de Mílton Valente (1984 [*L'étique stoïcienne chez Cícéron*, 1956]), havendo também esse autor publicado aqui com respeito a esse trabalho "A natureza e a origem do direito político em Cícero" (1970). Concebida originalmente como tese de concurso, "Unus casus (Inst. IV, 6, 2)" de José Carlos Moreira Alves (1967) também foi lançada no *Anuario Mexicano de Historia del Derecho* (v. 15, 2003). Numa longa carreira de estudos na Pontifícia Universidade Gregoriana, entre os seus mestrados e doutorados, cabe citação a *A idéia de Estado na doutrina ético-política de Santo Agostinho* de Francisco Manfredo Tomás Ramos (1984). Acerca da tese de João Pedro Mendes, já houve menção ao se iniciar o rol de estudos citados, sendo bom lembrar que mais brasileiros completaram a sua formação fora do país, fazendo os seus doutorados e até tendo uma carreira no exterior. Na continuação dos estudos mencionados, deve-se frisar que aqui se privilegiam os títulos de Letras e Filosofia, de preferência mais vinculados ao ensino superior, não tendo guarida os de Teologia, História e Direito Romano, embora haja exceções compreensíveis, como para, de Sílvio Augusto de Bastos Meira, *Curso de direito romano: história e fontes* (1975 [*História e fontes do direito romano*, 1966]). Professores estrangeiros publicaram trabalhos no Brasil, tendo alguns deles atuado no país como docentes, mencionando-se: "A formação de uma cultura nacional: o exemplo romano" de Jacques Perret na antiga UDF (1937), "A criança da IV écloga e sua educação mística" de Jean Gagé na USP (1954), "Autocrítica ciceroniana" de Antônio Pinto de Carvalho na atual Unesp de São José do Rio Preto, bem como na atual de Assis (1958-1959), "Cassiodoro Senador e a cultura retórica de sua época" e *O progressismo de Sêneca* de José van den Besselaar na PUC-SP e na hoje Unesp de Assis (1960a; [s.d.]), "De la méthode philosophique chez Saint Augustin" de Henri Dupuy-Querel (1961), "Antiqua Lusitania: nomina virorum mulierum deorum dearum aliaque in Lusitania reperta" de Arlindo de Sousa (1961-1966) e "Os estudos clássicos em Portugal" de Maria de Lourdes Nunes Flor de Oliveira (1962-1965).

Ao se tratar aqui das traduções, foi dada ênfase aos anos 30 do século XX pela consolidação dos cursos de Letras Clássicas ocorrida nesse período, no Brasil, um tanto conturbado. No que diz respeito aos estudos latinos, a última década do século XIX e as três primeiras seguintes, *grosso modo*, foram um período de transição dos estudos secundários aos superiores. Ainda que com alguma perda de prestígio para o latim, a escola secundária republicana correspondeu aos anseios da época e estimulou uma nova onda de implementação da instrução de nível médio. No que toca ao latim, é inegável um aprofundamento verificado por meio de publicações feitas durante as décadas que antecederam as primeiras FFCLs: traduções, manuais, gramáticas, estudos, teses, artigos e resenhas. Nos anos da instituição dos cursos superiores de Letras e mesmo depois, era forte a presença de intelectuais formados na ausência desses cursos, o que, muitas vezes, em nada os desabonava: alguém seria capaz de afirmar o contrário sobre Otoniel Mota e Sousa da Silveira? Professor de Letras, Otoniel Mota conhecia com profundidade as fontes para o conhecimento da época de Augusto, algo que fazia de modo singular. Mesmo tendo uma formação invejável, alguns professores dispuseram-se a fazer os cursos então recentemente abertos, sendo o caso de, entre outros, Theodoro Henrique Maurer Junior. Dois livros que representam bem esses tempos e os seus perfis de autores são *No tempo de Petrônio* de Fernando de Azevedo (3. ed., 1962 [S. Paulo: Livraria do Globo, 1923]) e *Mecenas ou o subôrno da inteligência* de Mecenas Dourado (1947).

Após esses estudos pioneiros, vêm os concebidos em função do ensino superior: *Minima: notulas de literatura latina* de Giulio Davide Leoni (1944), *Poesia e poética de Virgílio* de Italo Bettarello (1955), *Os gêneros literários da cultura romana* de Giulio Davide Leoni e Neyde Ramos de Assis (1957), *O teatro de Sêneca* de Angelo Ricci (1967), *Temas clássicos* de Aída Costa (1978), *Horácio* de Dante Tringali (1995) e *Estudos sobre as tragédias de Sêneca* de Zélia de Almeida Cardoso (2005), já feita citação do livro de Mônica Costa Vitorino a respeito de Juvenal. Trabalhos originados de teses acadêmicas foram publicados, mencionando-se, primeiramente, as de concurso e as vinculadas ao antigo regime de pós-graduação: *O Carmen LXVI de Catulo* de Heinrich A.W. Bunse (1950), *A síntese orgânica do Itinerarium Aetheriae* de Enio Aloisio Fonda (1966), *O bucolismo vergiliano* de José Paulino Batista (1977) e *O "De pallio" de Tertuliano* de Dante Tringali (1980), citadas antes as de Aída Costa, Armando Tonioli, José Carlos Moreira Alves e Salvatore D'Onofrio, indicando data não defesa de tese, e sim evento de publicação. Posteriormente, sob o novo sistema, lançaram-se dissertações e teses: *Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português* de Francisco Achcar (1994), *Quintiliano gramático* de Marcos Aurelio Pereira (2000), *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio* de Paulo Sérgio de Vasconcellos (2001), *De rationibus exordiendi: os princípios da história em Roma* de Renato Ambrosio (2002), acerca dos exórdios de Cornélio Nepos e Salústio, e *Ciência do bem dizer: a concepção de retórica de Quintiliano em Instututio oratoria, II, 11-21* de Beatriz Avila Vasconcelos (2005), já estando com menção a tese de João Pedro Mendes.

Até o ano 2006, entre nós, os empreendimentos coletivos que mais se notam são os oriundos de anais de eventos, ligados à SBEC na sua maioria. É bom que se diga ter havido antes grandes encontros de estudos clássicos com dimensão nacional e até internacional, cujos trabalhos foram publicados na série Graeca & Latina da antiga União Nacional de Cultura Greco-Latina e na revista *Romanitas* da já citada Sociedade Brasileira de Romanistas. Um nome que deve ser lembrado é o de José Florentino Marques Leite, que esteve à frente de Graeca & Latina por muito tempo. Data de 2004 a publicação do *I Congresso Internacional de Letras Clássicas e Orientais da UERJ: Palavras derramadas: o erotismo na Antigüidade Clássica e Oriental* [2003], devendo ter registro os nomes dos professores Airto Ceolin Montagner, Mary Kimiko Guimarães Murashima e Amós Coêlho da Silva, durante bom tempo na dianteira do curso de Latim dessa universidade. Mencionando-se os trabalhos advindos dos eventos da SBEC não lançados em publicações seriadas, incluído um primeiro anterior a essa agremiação [1984], cabe lembrete de o ano entre parênteses ser o do lançamento, precedido do(s) organizador(es) ou editor(es) dos anais do congresso ou da reunião: *O enigma em Édipo Rei e outros estudos de teatro antigo: Anais do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos 1984* por Jacyntho Lins Brandão (1985), *Cultura clássica em debate: estudos de arqueologia, história, filosofia, literatura e lingüística greco-romana: Anais do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos* [1984] por Neiva Ferreira Pinto e Jacyntho Lins Brandão (1987), *Mito, religião e sociedade: Atas do II Congresso Nacional de Estudos Clássicos* [1989] por Zélia de Almeida Cardoso (1991), *Vinho e pensamento* [Reunião Anual da SBEC, 5., 1990] por Nely Maria Pessanha e Vera Regina Figueiredo Bastian (1991), *Fronteiras & etnicidade no mundo antigo: Anais do V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos: Pelotas – 15 a 19 de setembro de 2003* por Chimene Kuhn Nobre, Fábio Vergara Cerqueira e Kátia Maria Paim Pozzer (2003) e

Memória & festa [Congresso Nacional de Estudos Clássicos, 6., 2005] por Fábio de Souza Lessa e Regina Maria da Cunha Bustamante (2005).

As dissertações e as teses foram levantadas de forma quase exaustiva para o *Repertório* e de modo parcial para o *Suplemento*, já que a segunda empresa não teve a mesma amplidão que a primeira. Como o levantamento se detém nos autores e nas obras até as imediações do Renascimento Carolíngio, o latim medieval e o renascentista não estão contemplados. Sendo assim, é bom lembrar que, na UFRJ, se desenvolveu uma linha de pesquisa em pós-graduação voltada para o latim do Renascimento, sobretudo português, consolidada por Américo da Costa Ramalho. Na Unesp de Assis, houve uma série de trabalhos acadêmicos com respeito à Latinidade Brasileira, prestando conta disso, entre outros artigos, "O estado atual do acervo dos manuscritos junto ao Archivum Generale Poetarum Latinorum Brasiliensium" de Enio Aloisio Fonda, Mirtes Rocha Rodrigues e Cláudia Valéria Penavel Binato (*Patrimônio e Memória: Revista Eletrônica do CEDAP*, Assis, Unesp, Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa, v. 3, n. 1, p. 186-194, maio 2007, <https://www.unesp.br/#!/pesquisa/cedap>). Como é grande o número de dissertações e teses inéditas, escolhi dois autores estudados para citá-las de algum modo, mesmo que de forma incompleta. Acerca do primeiro, Lucrécio, o trabalho mais antigo é a tese de cátedra *De pestilitate in Lucreti poemate* de Carlos Juliano Torres Pastorino (1950), elaborada para concurso no Colégio Pedro II, sendo a única tese do antigo Secundário assim mencionada. Uma das teses mais trabalhadas é *A natureza da alma no poema de Tito Lucrécio Caro* de Maria da Glória Novak (1984). Sobre esse autor, também há as dissertações *De rerum natura III* de Sebastião Gonçalves de Souza (1985) e *O diálogo entre De rerum natura, de Tito Lucrécio Caro, e O nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli* de Fernanda Mazza Garcia (2002). A respeito de Tibulo, o segundo autor, a primeira tese, concebida ainda sob o antigo sistema, é *Aspectos da temática tibuliana* de Johnny José Mafra (1971), nomeando-se a segunda *As elegias amorosas de Tibulo* de Ana Lúcia Silveira Cerqueira (1994). Devem-se arrolar ainda, sobre Tibulo, as dissertações *O real e o imaginário no espaço-campo da poesia tibuliana* de Alice da Silva Cunha (1981) e *Elegias de Tibulo* de João Batista Toledo Prado (1990). Os latinistas antigos foram citados em "Os estudos latinos no Brasil", outros tantos aqui tiveram vez, alguns estudiosos, no entanto, ainda não tinham parte dos seus trabalhos lançados até 2006, entre eles, para literatura, devem ter lembrança os autores de manual, dicionário e traduções publicados até um lustro após o ano limite para o *Suplemento*: Paulo Martins, Milton Marques Júnior, Geraldo José Albino, Cláudio Aquati, Lucy Ana de Bem, José Eduardo dos Santos Lohner, Antônio Martinez de Rezende, Elaine Cristina Prado dos Santos, Márcio Thamos, Matheus Trevizam e Brunno Vinicius Gonçalves Vieira. Visto que os docentes de latim estão lembrados em razão de livro ou tese, é preciso reconhecer a atuação prolongada de alguns em trabalho de pós-graduação, como Ariovaldo Augusto Peterlini na USP, Edison Lourenço Molinari e Marilda Evangelista dos Santos Silva na UFRJ. Se me é lícito mencionar mais três títulos, até como convite à leitura dos demais, arrolo a tese *Lições sobre alegoria de gramáticos e retores gregos e latinos* de Marcos Martinho dos Santos (2002) e as dissertações *O discurso em defesa de Árquias (Pro Archia) e a humanitas de Cícero* de Wilma Aparecida Trenk (1997) e *Dialogismo e reflexão estética em Petrônio* de Alessandro Rolim de Moura (2000). Concluindo-se este longo rol de títulos com citação, é bom também ter a mente voltada para o desenvolvimento desses estudos em nosso meio, sobretudo de forma institucional,

não se esquecendo, obviamente, de suas raízes para cá transplantadas, bem como da expectativa das futuras safras.

* Q. HORATIVS FLACCVS *

II

[...]

* P. OVIDIVS NASO *

III

[...]

REFERÊNCIAS ATÉ 1996 (REPERTÓRIO)

ACHCAR, Francisco. *Lírica e lugar-comum*: alguns temas de Horácio e sua presença em português. São Paulo: Edusp, 1994. 285 p. (Ensaios de Cultura, 4.)

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*: curso único e completo. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 1992. 540 p.

ALVES, José Carlos Moreira. Unus casus (Inst. IV, 6, 2). *Verbum*, Rio de Janeiro, Universidade Católica, v. 24, n. 3/4, p. 333-393, set./dez. 1967.

ARNS, P. Evaristo. *La technique du livre d'après Saint Jerôme*. Paris: E. de Boccard, 1953. 220 p.

AZEVEDO, Fernando de. *No tempo de Petrônio*: ensaios sôbre Antiguidade latina. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962. 190 p. (Obras Completas, 2.)

BATISTA, José Paulino. *O bucolismo vergiliano*. João Pessoa: Santa Maria, 1977. 55 p.

BESSELAAR, José van den. Cassiodoro Senador e a cultura retórica de sua época. *Revista de Letras,* Assis, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, v. 1, p. 11-52, 1960a.

_____. Sintaxe latina superior. In: _____. *Propylaeum Latinum*. São Paulo: Herder, 1960b. v. 1.

_____. *O progressismo de Sêneca*. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, [s.d.]. 52 p. (Estudos e Ensaios.)

BETTARELLO, Italo. *Poesia e poética de Virgílio*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1955. 94 p. (Boletim, 148, Língua e Literatura Italiana, 2.)

BRANDÃO, Jacyntho Lins (Org.). *O enigma em Édipo Rei e outros estudos de teatro antigo*: Anais do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos 1984. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Letras Clássicas, 1985. 274 p. (5.)

BUNSE, Heinrich A.W. *O Carmen LXVI de Catulo*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1950. 157 p.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. 196 p. (Revisão, 33.)

CARDOSO, Zelia de Almeida (Org.). *Mito, religião e sociedade*: Atas do II Congresso Nacional de Estudos Clássicos. São Paulo: SBEC, 1991. 534 p.

CARVALHO, Antônio Pinto de. Autocrítica ciceroniana. *Kriterion*: Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 11, n. 45/46, p. 525-547, jul./dez. 1958; v. 12, n. 47/48, p. 155-179, jan./jun. 1959.

CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996. 278 p. (Texto & Arte, 13.)

_____. *O cancioneiro de Lésbia*. Edição bilíngüe. Introdução, tradução e notas: Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Hucitec, 1991. 132 p. (Roma-Grécia, 1.)

CERQUEIRA, Ana Lúcia Silveira. *As elegias amorosas de Tibulo*. 1994. 278 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

CESAR, Caio Julio. *Commentarios*. Traduzidos em portuguez por Francisco Sotero dos Reis. San'Luiz: B. de Mattos, 1863. 533 p.

CESAR. *Comentários*: De bello Gallico. Trad. Francisco Sotero dos Reis. São Paulo: Cultura, 1941. 325 p. (Clássica, 8.)

CÍCERO, M. Túlio. *Das leis*. Tradução, introdução e notas por Otávio T. de Brito. São Paulo: Cultrix, 1967. 132 p. (Clássicos Cultrix.)

CÍCERO. *Sobre o destino*. Tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. Posfácio de Zélia de Almeida Cardoso. Edição bilíngüe. São Paulo: Nova Alexandria, 1993. 109 p.

CICERO. *Tratado dos deveres*. Tradução de Nestor Silveira Chaves. S. Paulo: Cultura Brasileira, [s.d.]. 310 p. (Cultura Classica.)

COMBA, Júlio. *Gramática latina*. 3. ed. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1981. 353 p.

COSTA, Aída. *Influências helênicas no teatro de Plauto* (a "Aulularia"). São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1954. 124 p.

_____. *Temas clássicos*. São Paulo: Cultrix, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978. 149 p.

CUNHA, Alice da Silva. *O real e o imaginário no espaço-campo da poesia tibuliana*. 1981. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DOURADO, Mecenas. *Mecenas ou o subôrno da inteligência*. Rio de Janeiro: Edições do Povo, 1947. 236 p.

DUPUY-QUEREL, Henri. De la méthode philosophique chez Saint Augustin. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, Instituto Brasileiro de Filosofia, v. 11, n. 41, p. 25-48, jan./mar. 1961; v. 11, n. 43, p. 363-384, jul./set. 1961.

ELIA, Sílvio. *O ensino do latim*: doutrina e métodos. Rio de Janeiro: Agir, 1957. 166 p. (Biblioteca de Cultura Pedagógica, 3.)

FARIA, Ernesto. *O latim e a cultura contemporanea*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1941. 258 p.

_____. Lucílio e as origens da sátira latina. *Revista Filológica*: Arquivo de Estudos de Filologia, História, Etnografia, Folclore e Crítica, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Filologia, Organização Simões, ano 2, n. 5, p. 21-42, 1. sem. 1956.

_____. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958. 524 p. (Biblioteca Brasileira de Filologia, 14.)

_____. *Gramática da língua latina*. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. 2. ed. Brasília: Fundação de Assistência ao Estudante, 1995. 423 p.

_____. *Introdução à didática do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959. 374 p. (Rumos, 2.)

_____. *Fonética histórica do latim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970. 302 p. (Biblioteca Brasileira de Filologia, 9.)

FONDA, Enio Aloisio. *A síntese orgânica do Itinerarium Aetheriae*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1966. 190 p.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Das letras latinas às luso-brasileiras*. Colaboração de Raulino Bussarello. Florianópolis, 1984. 224 p.

GAGÉ, Jean. A criança da IV écloga e sua educação mística: ensaio de interpretação. *Revista de História*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 8, n. 17, p. 17-77, jan./mar. 1954.

LEONI, G.D. *Minima*: notulas de literatura latina. S. Paulo: Sonora, 1944. 93 p.

_____. *A literatura de Roma*: esboço histórico da cultura latina, com uma antologia de textos traduzidos. 12. ed. São Paulo: Nobel, 1976. 304 p. (Monumentum Aere Perennius.)

LEONI, G.D.; ASSIS, Neyde Ramos de. *Os gêneros literários da cultura romana*. São Paulo: Nobel, 1957. 72 p. (Monumentum Aere Perennius.)

LIMA, Alceu Dias. *Uma estranha língua?* Questões de linguagem e de método. São Paulo: Unesp, 1995. 168 p. (Prismas.)

LIPPARINI, Giuseppe. *Sintaxe latina*. Tradução e adaptação do Pe. Alípio R. Santiago de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1961. 407 p.

LUCRÉCIO Caro, Tito. *Da natureza*. Prefácio, tradução e notas de Agostinho da Silva. Estudos introdutórios de E. Joyau e G. Ribbeck. Rio de Janeiro: Globo, 1962. 237 p. (Biblioteca dos Séculos, 29.)

_____. *Da natureza*. Tradução e notas de Agostinho da Silva. In: EPICURO; _____; CÍCERO; SÊNECA; MARCO AURÉLIO. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. 21-135. (Os Pensadores.)

MAFRA, Johnny José. *Aspectos da temática tibuliana*: amor e magia. 1971. 114 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MAGNE, Augusto. *Grammatica latina*. 2. ed. Rio: Pimenta de Mello, 1930. 564 p.

_____. *Dicionário etimológico da língua latina*: famílias de palavras e derivações vernaculares. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952-1961. v. 1-4. (Estudos, 1.)

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. *A morfologia e a sintaxe do genitivo latino*: estudo histórico. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1948. 93 p. (Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 55, Filologia Românica, 1.)

_____. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959. 298 p. (Biblioteca Brasileira de Filologia, 16.)

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962. 198 p. (Biblioteca Brasileira de Filologia, 17.)

MEIRA, Sílvio A.B. *História e fontes do direito romano*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Saraiva, 1966. 297 p.

_____. *Curso de direito romano*: história e fontes. São Paulo: Saraiva, 1975. 279 p.

MENDES, João Pedro. *Construção e arte das Bucólicas de Virgílio*. Com texto, tradução e notas. Brasília: Instituto Nacional do Livro, Universidade de Brasília, 1985. 444 p. (Biblioteca Clássica.)

NÓBREGA, Vandick L. da. Metodologia e instituições. In: _____. *A presença do latim*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1962a. v. 1. (Guias de Ensino, Escola Secundária, 6.)

_____. *Metodologia do latim*: vida cotidiana e instituições. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962b. 405 p. (Rumos, 5.)

_____. *Nôvo método de gramática latina*: elementar e superior. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1962c. 533 p.

_____. Parte gramatical. In: _____. *A presença do latim*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1962d. v. 2. (Guias de Ensino, Escola Secundária, 6.)

NOVAK, Maria da Gloria. *A natureza da alma no poema de Tito Lucrécio Caro*: De rerum natura III. 1984. 2 v. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, J. Lourenço de. Ars grammatica. *Kriterion*: Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 9, n. 37/38, p. 423-476, jul./dez. 1956.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Nunes Flor de. Os estudos clássicos em Portugal. *Romanitas*: Revista de Cultura Romana: Língua, Instituições e Direito, Rio de Janeiro, ano 4, n. 5, p. 423-456, 1962; ano 7, n. 6/7, p. 343-400, 1965.

OLIVEIRA FILHO, A. Marques de. *Vocalismo, sonantismo e consonantismo do latim*: reexame dos mesmos, na expectativa de uma nova síntese do indo-europeu. Rio de Janeiro: Principal, 1955. 224 p.

D'ONOFRIO, Salvatore. Os motivos da sátira latina. *Alfa*, Marília, FFCL de Marília, v. 13/14, p. 5-161, 1968a.

_____. *Os motivos da sátira latina*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1968b. 161 p. (Teses, 7.)

PARZIALE, Mariano. *A sátira de Juvenal como instrumento de educação social*. 1995. 2 v. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

PASTORINO, Carlos Juliano Torres. *De pestilitate in Lucreti poemate*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1950. 55 p.

PEDROZA, Alfredo Xavier. *Compêndio de história da literatura latina*. Recife: Imprensa Oficial, 1947. 416 p.

PERRET, Jacques. A formação de uma cultura nacional: o exemplo romano. In: _____. *A atualidade dos estudos greco-latinos*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1937. p. 93-134.

PESSANHA, Nely Maria; BASTIAN, Vera Regina Figueiredo (Org.). *Vinho e pensamento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 1991. 288 p.

PINTO, Neiva Ferreira; BRANDÃO, Jacyntho Lins (Org.). *Cultura clássica em debate*: estudos de arqueologia, história, filosofia, literatura e lingüística greco-romana: Anais do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Letras Clássicas, 1987. 270 p. (6.)

PLAUTO. *Comédias: O cabo / Caruncho / Os Menecmos / Os Prisioneiros / O Soldado Fanfarrão*. Seleção, introdução e notas por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1978. 251 p.

_____. *Aulularia*: A comédia da panelinha. Tradução, introdução e notas da Profa. Aída Costa. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. 130 p. (Pequena Biblioteca Difel, Textos Greco-Latinos, 2.)

PRADO, João Batista Toledo. *Elegias de Tibulo*. Introdução, tradução e notas. 1990. 325 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

RAMOS, Francisco Manfredo Tomás. *A idéia de Estado na doutrina ético-política de Santo Agostinho*: um estudo do epistolário comparado com o "De civitate Dei". São Paulo: PUG, Loyola, 1984. 370 p. (Fé e Realidade, 14.)

RAVIZZA, João. *Gramática latina*. Acrescida de um compêndio da história da literatura latina. 14. ed. Niterói: Escola Industrial Dom Bosco, 1958. 560 p.

RICCI, Angelo. *O teatro de Sêneca*. Pôrto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Arte Dramática, 1967. 63 p. (Conferências, 2.)

ROMANELLI, R.C. *Do morfema indo-europeu n em latim*: contribuição ao estudo da lexiogenia latina. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1963. 463 p. (270.)

_____. *Os prefixos latinos*: da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1964. 135 p. (338.)

_____. *O supletivismo indo-europeu na morfologia latina*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1975. 272 p. (607.)

ROMÉRO, Nelson. *Pronúncia do latim*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942. 178 p.

SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc. 10. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1993. 1297 p.

SÊNECA. *Cartas consolatórias*. Tradução: Cleonice Furtado de Mendonça van Raij. Apresentação: Joaquim Brasil Fontes. Campinas: Pontes, 1992. 122 p.

_____. *Édipo*. Tradução do original latino, introdução e notas por Johnny José Mafra. Belo Horizonte: UFMG/Proed, 1982. 113 p. (Publicações Avulsas, 2.)

_____. *Hipólito*. In: EURÍPIDES; _____; RACINE. *Tragédias: Fedra e Hipólito*. Ensaio crítico e versão dos textos por José Eduardo do Prado Kelly. Rio de Janeiro: Agir, 1985. p. 107-171.

_____. *Sobre a brevidade da vida*. Tradução, introdução e notas de William Li. Edição bilíngüe. São Paulo: Nova Alexandria, 1993. 79 p.

_____. *Tratado sobre a clemência*. Introdução, tradução e notas de Ingeborg Braren. In: _____; SALÚSTIO. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 7-76. (Clássicos do Pensamento Político, 4.)

SILVA NETO, Serafim da. *Fontes do latim vulgar*: o Appendix Probi. 3. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956. 253 p. (Biblioteca Brasileira de Filologia, 10.)

SOUSA, Antonio José de. *Tratado dos prefixos da lingua latina e sua synonymia*. Rio de Janeiro: Antonio Gonçalves Guimarães, 1868a. 250 p.

_____. *Tratado dos suffixos da lingua latina e sua synonymia*. Rio de Janeiro: Antonio Gonçalves Guimarães, 1868b. 287 p.

_____. *Tratado dos prefixos e suffixos da lingua latina e sua synonymia*. Rio de Janeiro: Agostinho Gonçalves Guimarães, 1876. 250, 287 p.

SOUSA, Arlindo de. Antiqua Lusitania: nomina virorum mulierum deorum dearum aliaque in Lusitania reperta: elementa ad locupletius studium. *Revista de História*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 23, n. 48, p. 359-378, out./dez. 1961; v. 24, n. 50, p.

449-473, abr./jun. 1962; v. 26, n. 54, p. 483-514, abr./jun. 1963; v. 27, n. 56, p. 447-455, out./dez. 1963; v. 28, n. 58, p. 413-425, abr./jun. 1964; v. 29, n. 60, p. 419-426, out./dez. 1964; v. 31, n. 63, p. 221-229, jul./set. 1965; v. 33, n. 68, p. 495-514, out./dez. 1966.

SOUZA, Rômulo Augusto de. *Manual de história da literatura latina*. Belém: Serviço de Imprensa Universitária, [1977?]. 438 p.

SOUZA, Sebastião Gonçalves de. *De rerum natura III*: reflexão sobre a obra e a língua de Lucrécio. 1985. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, 1968. 270 p.

_____. *Deuses e heróis da Antigüidade Clássica*: dicionário de antropônimos e teônimos vergilianos. São Paulo: Cultrix, Instituto Nacional do Livro, 1974. 289 p.

TONIOLI, Armando. *Os Adelfos de Terêncio*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1961. 124 p. (Ensaio, 14.)

TRINGALI, Dante. *O "De pallio" de Tertuliano*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1980. 233 p. (Boletim, 29, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 8.)

_____. *Horácio*: poeta da festa: navegar não é preciso. 28 odes latim-português. São Paulo: Musa, 1995. 206 p. (Ler os Clássicos, 3.)

VALENTE, Mílton Luiz. *Sintaxe da língua latina*. Porto Alegre: Selbach, [1936?]. 2 v. (S.J.)

VALENTE, Milton. *L'éthique stoïcienne chez Cicéron*. Paris: Saint-Paul; Pôrto Alegre: Selbach, 1956. 433 p.

VALENTE, Mílton. *A ética estóica em Cícero*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984. 539 p.

VALENTE, Milton. A natureza e a origem do direito político em Cícero. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, n. 14, p. 1-52, 1970.

VASCONCELLOS, Francisco Prestello de. A mensagem jurídica em "Os Adelfos" de Terêncio. *Diálogos Clássicos*, São Paulo, Universidade de São Paulo, ano 1, v. 1, p. 63-78, 1985.

VIRGILIO brazileiro. Traducção do poeta latino por Manuel Odorico Mendes. Rio de Janeiro: H. Garnier, [s.d.]. 759 p.

VIRGÍLIO. *Bucólicas e Geórgicas*. In: VIRGÍLIO brasileiro. Tradução do poeta latino: Manuel Odorico Mendes. 2. ed. atual. com introdução e notas de Sebastião Moreira Duarte. São Luís: Edufma, 1995. v. 1.

_____. *A Eneida*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Estudo intodutivo de G.D. Leoni. 3. ed. São Paulo: Atena, 1958. 346 p. (Biblioteca Clássica, 42.)

_____. *Bucólicas*. Tradução e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Introdução de Nogueira Moutinho. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Melhoramentos, 1982. 169 p. (Biblioteca Clássica UnB.)

VERGÍLIO. *Eneida*. Estudo introdutivo, glossário mitológico e tradução em prosa de G.D. Leoni e Neyde Ramos de Assis. São Paulo: Atena, 1966. 387 p. (Obras Imortais.)

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Leopoldo Pereira. 3. ed. [S.l.]: Departamento de Imprensa Nacional, 1968. 250 p.

VERGÍLIO. *Eneida*. Tradução direta do latim, notas, argumento analítico e excurso biográfico por Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, [s.d.]. 280 p.

VERGÍLIO Marão, Públio. *Eneida*. Tradução portuguesa de Carlos Alberto Nunes no metro original. São Paulo: A Montanha, 1981. 278 p.

ZAMA, Cezar. *Prosadores e poetas latinos*. Salvador: Progresso, 1955. 416 p.

REFERÊNCIAS DE 1997 A 2006 (SUPLEMENTO)

AMBROSIO, Renato. *De rationibus exordiendi*: os princípios da história em Roma. São Paulo: USP, Humanitas, 2005. 166 p.

BOÉCIO. *Escritos*: Opuscula sacra. Tradução, introdução, estudos introdutórios e notas: Juvenal Savian Filho. Prefácio: Marilena Chaui. São Paulo: Martins Fontes, 2005. xviii, 335 p. (Clássicos.)

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Estudos sobre as tragédias de Sêneca*. São Paulo: Alameda, 2005. 254 p.

CÉSAR, Caio Júlio. *A Guerra Civil*. Tradução, introdução e notas de Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 1999. 309 p.

CÍCERO, Marco Túlio. *Do sumo bem e do sumo mal*: De finibus bonorum et malorum. Tradução: Carlos Ancêde Nougué. São Paulo: Martins Fontes, 2005. xiv, 203 p. (Clássicos.)

CÍCERO. *Dos deveres*. Tradução: Angélica Chiappetta. Revisão da tradução: Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1999. lviii, 217 p. (Clássicos, Filosofia.)

DICK, André. Casulo poético. In: PRITSCH, Eliana Inge (Org.). *Litterae Latinae*: ensaios de literatura latina. São Leopoldo: COOPRAC, 1998. p. 67-73 (3.)

FALO no jardim: Priapéia grega, Priapéia latina. Tradução do grego e do latim, ensaios introdutórios, notas, iconografia e índices: João Angelo Oliva Neto. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Unicamp, 2006. 429 p.

GARCIA, Fernanda Mazza. *O diálogo entre De rerum natura, de Tito Lucrécio Caro, e O nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli*. 2002. 140 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

HORÁCIO. *Odes e Epodos*. Tradução e nota: Bento Prado de Almeida Ferraz. Introdução: Antonio Medina Rodrigues. Organização: Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2003. xxxviii, 269 p. (Biblioteca Martins Fontes.)

LESSA, Fábio de Souza; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha (Org.). *Memória & festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. 636 p.

MOURA, Alessandro Rolim de. *Dialogismo e reflexão estética em Petrônio*: a Guerra Civil. 2000. 168 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

NOBRE, Chimene Kuhn; CERQUEIRA, Fábio Vergara; POZZER, Kátia Maria Paim (Ed.). *Fronteiras & etnicidade no mundo antigo*: Anais do V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos: Pelotas – 15 a 19 de setembro de 2003. Pelotas: UFPEL; Canoas: Ulbra, 2005. 343 p.

NÓBREGA, Vandick Londres da. *Introdução à literatura latina*: história da literatura latina. Org. José Pereira da Silva, Amós Coêlho da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2006. 226 p. (Acadêmica.)

PEREIRA, Marcos Aurelio. *Quintiliano gramático*: o papel do mestre de gramática na Institutio oratoria. São Paulo: Universidade de São Paulo, Humanitas, 2000. 195 p. (Letras Clássicas.)

PETRÔNIO. *Satyricon*. Edição bilíngüe. Tradução e posfácio: Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004. 323 p.

PLAUTO. *Estico*. Introdução, tradução e notas: Isabella Tardin Cardoso. Edição bilíngüe. Campinas: Unicamp, 2006. 199 p. (Lumina, Textos Clássicos.)

I CONGRESSO Internacional de Letras Clássicas e Orientais da UERJ: Palavras derramadas: o erotismo na Antigüidade Clássica e Oriental. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004. 439 p.

RETÓRICA a Herênio. Tradução e introdução: Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005. 313 p.

SANTOS, Marcos Martinho dos. *Lições sobre alegoria de gramáticos e retores gregos e latinos*. 2002. 238 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SÊNECA. *Sobre a providência divina*. *Sobre a firmeza do homem sábio*. Tradução, introdução e notas: Ricardo da Cunha Lima. Edição bilíngue. São Paulo: Nova Alexandria, 2000. 133 p.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *As Troianas*. Edição bilíngüe. Introdução, tradução e notas de Zelia de Almeida Cardoso. São Paulo: Hucitec, 1997. 156 p. (Roma-Grécia, 6.)

TRENK, Wilma Aparecida. *O discurso em defesa de Árquias (Pro Archia) e a humanitas de Cícero*. 1997. 224 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

TUFFANI, Eduardo. Os estudos latinos no Brasil. *Classica*: Revista Brasileira de Estudos Clássicos, São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, v. 13/14, n. 13/14, p. 393-402, 2000/2001.

_____. *Repertório brasileiro de língua e literatura latina (1830-1996)*. Cotia: Íbis, 2006. 231 p.

_____. *Suplemento ao Repertório brasileiro de língua e literatura latina (1997-2006)*: versão preliminar. 114 p. Texto em *site* de 2023. Disponível em: <Academia.edu> e <www.e-tuffani.com.br>.

VASCONCELOS, Beatriz Avila. *Ciência do dizer bem*: a concepção de retórica de Quintiliano em Institutio oratoria, II, 11-21. São Paulo: Universidade de São Paulo, Humanitas, 2005. 192 p.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Humanitas, 2001. 400 p.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Edição bilíngüe. Tradução e comentário: Raimundo Carvalho. Em apêndice: tradução de Odorico Mendes. Belo Horizonte: Tessitura, Crisálida, 2005. 255 p.

_____. *Eneida*. Odorico Mendes: tradução e notas. Antonio Medina: apresentação. Luiz Alberto Machado Cabral: estabelecimento do texto, notas e glossário. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Unicamp, 2005. 315 p. (Clássicos Comentados, 2.)

VITORINO, Mônica Costa. *Juvenal*: o satírico indignado. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 128 p.